



**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

AUDIÊNCIA PÚBLICA DAS COMISSÕES DE EDUCAÇÃO, CULTURA E  
ESPORTES, DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA, FINANÇAS E  
ORÇAMENTO E POLÍTICA URBANA.

**PRESIDENTE: JAIR TATTO / EDUARDO SUPLICY**

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 30/05/2022

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone
- Suspensão

**O SR. PRESIDENTE(Jair Tatto)** - Bom dia a todos.

Declaro abertos os trabalhos da Audiência Pública conjunta das Comissões: de Educação, Cultura e Esportes; Constituição, Justiça e Legislação Participativa; Finanças e Orçamento e Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, para debater o PL 877/21, que cria o Parque Municipal do Rio Bexiga.

Informo que essa reunião está sendo transmitida ao vivo através do endereço [www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditórioonline](http://www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditórioonline), também pelo YouTube e Facebook da Câmara Municipal de São Paulo.

As inscrições para pronunciamentos foram previamente abertas no *site* da Câmara Municipal de São Paulo, desde o dia 5/5/2022, no endereço [www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublica/inscricoes](http://www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublica/inscricoes).

Foram convidados os Srs: Carlos Henrique Prestes Camargo, Promotor de Justiça do Meio Ambiente da Capital/Ministério Público de São Paulo; Prefeito Ricardo Nunes; Aline Torres, Secretária de Cultura, representada, neste ato, pela Sra. Andrea Sousa, Secretária-Adjunta da Secretaria de Cultura; Eduardo de Castro, Secretário do Meio Ambiente, representado, neste ato, pelo Secretário-Adjunto Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos; Grupo Silvio Santos RDB Empreendimentos Imobiliários, Raquel Rolnik, urbanista e professora da FAU/USP; Nabil Bonduki, ex-Vereador, urbanista e ex-Secretário Municipal de Cultura; José Celso Martinez Corrêa, dramaturgo e fundador da Companhia de Teatro Oficina; Marília Gallmeister, arquiteta, urbanista, ativista do Movimento pelo Parque do Bixiga; Cafira Zoé, poeta e ativista do Movimento pelo Parque do Bixiga; Fabiano Toffoli, da Cetesb; Marieta Severo, atriz e fundadora da Companhia de Teatro Poeira; Fernanda Montenegro, atriz; Wagner Moura, ator; Padre Antonio Bogaz, da Igreja Achiropita; Carmem Silva, da liderança do Movimento de Moradia do MSTC; Daniela Campos Libório, advogada e membro da Comissão de Direitos Urbanísticos da OAB/SP; Casé Angatu Xukuru Tupinambá; Douglas Belchior, membro da Coalizão Negra por Direitos; Marcio Telles, Projeto Odara; Marcos Santos, da Escola de Samba Vai Vai; Beth Beli;

Ilú Obá De Min; Mateus Solano, ator; os Srs. Vereadores da Câmara Municipal de São Paulo e toda a sociedade civil em geral.

Passemos ao tema da audiência. (Pausa)

Passo a palavra ao nobre Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy.

**O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY** - Prezado Sr. Presidente Jair Tatto, da Comissão de Finanças, os representantes do bairro do Bexiga estão caminhando, em passeata, chegando à porta da Câmara Municipal. Vêm, de uma maneira, todos unidos para ingressarem à Câmara Municipal. Logo chegarão aqui no Salão Nobre, oitavo andar. Peço atenção daqueles que estão na portaria da Câmara Municipal, para que facilitem a rápida entrada dos que representam os mais diversos grupos de teatros do bairro do Bixiga. Façam o favor.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** - Peço, também, a gentileza. O senhor está presencialmente. Temos a presença do Vereador Isac Félix. Peço para que o Mario me diga se há algum outro Vereador ou Vereadora presente.

**O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY** - Ely Teruel e Isac Felix estão presentes.

Bem-vinda, Vereadora. Bem-vindo, Vereador.

Pergunto também ao Vereador Suplicy se, enquanto chegam aí esses companheiros e companheiras, que vêm em passeata, poderíamos abrir a palavra aos convidados que confirmaram presença. De forma presencial, quem está aí, Mario?

**O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLICY** - Presente a Andrea Sousa, Secretária-Adjunta da Cultura, mas é tão importante o pronunciamento dela que gostaria de aguardar um pouco mais, acho que uns cinco minutos para que possam chegar os representantes do Bixiga, por favor. Se V.Exa. puder suspender a sessão por cinco minutos, agradeço.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Então, neste momento, exatamente 10h53, okay? Fico no aguardo. Suspendemos os trabalhos por cinco minutos.

- Suspensos, os trabalho são reabertos, sob a presidência do Sr. Jair Tatto.

**O SR. EDUARDO MATARAZZO SUPLYCY** – Presidente Jair Tatto, acho que podemos iniciar.

**O SR. PRESIDENTE (Jair Tatto)** – Reabertos os trabalhos.

Passarei imediatamente para presidir os trabalhos desta audiência pública ao nobre Vereador Eduardo Matarazzo Suplicy, que tem acompanhado, de maneira muito intensa, esse projeto junto aos movimentos, aos artistas, aos setores da sociedade civil em geral. Acompanharemos *on-line*. Enquanto representante da Comissão de Finanças e Orçamento, está o Vereador Isac Felix.

- Assume a presidência o Sr. Eduardo Matarazzo Suplicy.

**O SR. PRESIDENTE(Eduardo Matarazzo Suplicy)** - Muito obrigado, Presidente Jair Tatto.

Gostaria de dar uma notícia triste, que afeta aqui a presença de pessoas, porque neste instante está sendo realizado o velório do Sr. Walter Taverna. O empresário Walter Taverna é um dos responsáveis pelo bolo do bexiga, tradição do aniversário da Cidade de São Paulo, que faleceu nesse último domingo aos 88 anos em decorrência de uma pneumonia. Segundo a neta, Thais Taverna, ele estava internado desde quinta-feira, dia 26, no Hospital Sancta Maggiore, no bairro do Paraíso, zona Sul de São Paulo. O Sr. Walter estava também debilitado, por conta da doença de Parkinson. O corpo do empresário está, neste instante, sendo velado no Teatro Sérgio Cardoso, Bela Vista. O Sr. Marco Ribeiro, do Bixiga Sem Medo, há pouco, nos avisou que muitas das pessoas do Bixiga estão acompanhando o velório do Sr. Walter Taverna, e possivelmente, em seguida estarão aqui. O enterro vai acontecer hoje à tarde no Cemitério do Araçá no Pacaembú, às 14 horas.

A história do bolo do bixiga começou em 1986, quando São Paulo completou 432 anos. A festa foi idealizada por Armando Pugliesi, Armandinho do Bexiga. Inicialmente, cada morador levava um bolo. Em 1995, após a morte de Armandinho, Walter Taverna, que tinha algumas cantinas no Bixiga, assumiu a organização da festa, que incluiu o bolo com um metro para cada ano da cidade. O bolo do Bixiga chegou a entrar para o livro *Guinness*, livro dos

recordes, por conta da sua extensão e por ser consumido em 30 segundos. Nos últimos dois aniversários de São Paulo o bolo não foi servido para evitar aglomerações devido à pandemia. Em 2022 a festa foi substituída por doações a famílias carentes da cidade. Proprietário de cantinas por mais de 30 anos, o Sr. Walter também foi um dos fundadores da sociedade em defesa das tradições e progresso da Bela Vista, distrito onde o Bixiga está localizado. Meus sentimentos a todos os moradores do Bixiga e aos familiares do Sr. Walter Taverna.

Convido a Sra. Andrea Sousa para tomar assento à Mesa. Sejam muito bem-vindos, estudantes da Escola de Artes, Ciências e Humanidade. Estão presentes os Srs: Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos, Secretário-Adjunto da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, representando o Sr. Secretário Eduardo de Castro; e Carlos Henrique Prestes Camargo, Primeiro Promotor de Justiça do Meio Ambiente da Capital, do Ministério Público de São Paulo.

Gostaria, de início, fazer a leitura daquilo que é a História do Teatro Oficina. Tenho acompanhado praticamente desde a minha adolescência. O que vou ler é um dos breves capítulos, não é tão longo, do meu livro *Suplicy, um jeito de fazer política*, o qual irei dar de presente à Sra. Andrea Sousa, Secretária-Adjunta da Cultura, que fez aniversário ontem. Parabéns!

*Suplicy, um jeito de fazer política*, escrito em colaboração com a jornalista e escritora Monica Dallari. “Desde a adolescência, aluno do Colégio São Luís, depois da Fundação Getúlio Vargas, final dos anos 50, início dos anos 60, comecei a frequentar o Teatro Oficina, estimulado por amigos comuns de José Celso Martinez Corrêa, como Jorge da Cunha Lima e Paulo Cotrim.

Eu, como Diretor Cultural e, em seguida, Presidente do Centro Acadêmico de Administração de Empresas, da FGV, de 1960 a 1964, consegui adquirir os ingressos com 50% de desconto. Lotávamos o teatro com os estudantes, os professores e funcionários. Após a peça, organizávamos debates entre os diretores, artistas, professores e estudantes. Dentre outras, assistimos: *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams; *Galileu Galilei*, de Bertolt Brecht; *Os Pequenos Burgueses*, de Maximo Gorki; *A Engrenagem*, de Jean Paul Sartre.

Acompanho o Teatro Oficina até hoje, onde assisto os espetáculos de ótima qualidade como: Roda Viva, de Chico Buarque”.

Sra. Carmem Silva, seja muito bem-vinda. Estou lendo um texto sobre a história do Teatro Oficina. “Os *Sertões*, de Euclides da Cunha, tornando-me amigo de José Celso e tantos artistas da oficina. Essas peças e debates são partes importantes da minha formação, em especial a vontade de sempre procurar a verdade e de realizar a justiça. São contribuições fundamentais para o desenvolvimento da cultura em São Paulo e no Brasil, por sua capacidade de autotransformação, criação e de atitudes inovadoras. O Grupo Oficina, liderado pelo estudante José Celso. Formou-se em 1958, na tradicional Faculdade de Direito, do Largo São Francisco, na Universidade de São Paulo, e desde o início assumiu uma postura crítica diante da realidade. A estreia do grupo foi em sua atual sede no bairro do Bixiga, em São Paulo. No prédio, anteriormente utilizado por um grupo de teatro espírita, na Rua Jaceguai, 520. Em 1961, o Grupo Oficina profissionalizou, transformando-se em uma companhia teatral de renome nacional e internacional. A história do teatro é marcada pela resistência para se manter vivo. Em 1966, após um incêndio destruir a sede do teatro, antigos sucessos foram remontados para levantar fundos e reconstruir o prédio. Em 1971, com *Gracias, Señor*, obra de criação coletiva, emergiu oficina Uzyna Uzona. Em 1974, depois de ser detido pela polícia política, Zé Celso se exilou trabalhando precariamente em Portugal onde dirigiu o filme *25*. No retorno ao Brasil, em 1979, concentrou esforços em projetos com novas linguagens. Em 22 de agosto de 1981 estávamos juntos assistindo a um show de João Gilberto quando recebemos a notícia da morte do cineasta Glauber Rocha. Zé Celso recorda que paguei a sua passagem de avião para irmos juntos ao enterro, no Rio de Janeiro, nessa fase dirigida por José Celso, a produção de espetáculos, de vídeos, de filmes, de músicas se tornaram coletivas. As encenações de *As Bacantes*, adaptação do texto de Eurípedes, de 1996, e *Cacilda*, do próprio Zé Celso, em 1998, seguem a proposta de releitura dos textos originais. No início dos anos 80, o Grupo Silvio Santos começou a comprar os terrenos que cercavam o Teatro Oficina para substituir o simpático sobrado de arquitetura popular italiana e a sinagoga mais antiga da cidade, entre as Ruas Santo

Antônio, Jaceguai, Abolição e Japurá, por um grande *shopping center*. A intenção era arrematar a quadra toda, incluindo o terreno do teatro. Por lei, o Oficina, que alugava o imóvel há mais de 20 anos, teria direito à preferência da compra. Uma grande mobilização pública foi feita que culminou num show no Ibirapuera, em novembro de 1980, para levantar recurso e dar entrada na compra, o restante do dinheiro viria por financiamento bancário, mas não foi aprovado. Em paralelo, o Oficina recorreu à Secretaria de Estado da Cultura para tomba o imóvel e manter a sede sob a justificativa de ser um prédio que conservava elementos da arquitetura típica do Bixiga, construída pelos italianos e que contribuiu para a renovação da mentalidade artística no Brasil, matriz inspiradora de várias gerações de artistas cênicos. Contou com o apoio dos importantes arquitetos que lá trabalharam, como Lina Bo Bardi, Flávio Império, Joaquim Guedes e Hélio Eichbauer. Em 03/12/1980, o Grupo Silvio Santos anunciou a desistência da compra naquele momento. O processo de tombamento teve sua primeira decisão contrária em 1981, com alegação de que deveria ser analisado pela esfera municipal e não a estadual, entretanto, em 1982, o novo pedido reivindicando a preservação do bem cultural em sua atividade obteve sucesso e, em 16/11, o Teatro Oficina foi tombado por unanimidade pelo Condephaat, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico. A arquiteta italiana Lina Bo Bardi assumiu a obra de reconstrução. Em 1991 foi também tombado pelo Conpresp, Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural e Ambiental de São Paulo. O primeiro projeto do Grupo Silvio Santos era um shopping com o nome de Bela Vista Festival Center, um edifício de oito andares, quatro deles de estacionamento subterrâneo, oito mil metros quadrados de lojas comerciais e uma torre de 96 metros de altura. O projeto aprovado pelos órgãos de preservação conseguiu alvará de construção em 2000. O Oficina reagiu e foi a público lutar contra o seu emparedamento, apresentou à Promotoria de Justiça do Meio Ambiente um projeto alternativo para a área, o Anhangabaú da Felicidade. A tentativa de diálogo não teve sucesso até o projeto do Grupo Silvio Santos ser embargado por não cumprimento da legislação urbana. Em abril de 2004, em razão de uma sugestão formulada pelo psicanalista Contardo Caligaris, numa coluna da *Folha de S. Paulo*, em que dizia ver com bons olhos um encontro entre José Celso Martinez

e o Silvio Santos, avalei que seria ótimo articular essa reunião. Eu tinha uma boa relação com Silvio Santos, que algumas vezes me convidou para participar do Teleton para obter recurso para Associação de Assistência à Criança Deficiente, AACD, em especial, nos aproximamos pela participação do Supla, meu filho, no Programa Casa dos Artistas, no SBT, em 2001. Silvio Santos aceitou conversar e o encontro aconteceu numa tarde de domingo no Teatro Oficina. Fui com o Supla, quando o Silvio Santos chegou, Zé Celso e aproximadamente 50 atores e atrizes deram as boas-vindas cantando uma música de *Os Sertões* e tiveram um diálogo de entendimento que os deixou contentes e de bom humor. Desse encontro nasceu a promessa da realização de um projeto conjunto que atendesse os dois lados. Silvio Santos me disse que era a primeira vez que ele entrava no Teatro Oficina e que tinha gostado muito. Nós percorremos os diversos lugares do Teatro e ficou de voltar a convite de Zé Celso para ver e atuar na peça de Oswald de Andrade, *O Rei da Vela*.”

---

Vou mostrar aqui para vocês a foto do encontro. Estou com o meu filho Supla, e Zé Celso estava de barba e o próprio Silvio Santos no Teatro Oficina. Aqui está a foto desse encontro e tentativa de entendimento. “Entre 2001 e 2007 o Grupo Oficina representou os cinco capítulos de *Os Sertões*, obra de Euclides da Cunha, em várias cidades brasileiras e na Europa, sonho antigo do diretor Zé Celso, em especial, na cidade de Quixeramobim, onde nasceu *Antônio Conselheiro* e se desenvolveu a saga. Eu tive a oportunidade de assistir ao quarto capítulo em Canudos, onde testemunhei o enorme interesse da plateia de aproximadamente mil pessoas, numa cidade de 14 mil habitantes, em grande parte estudantes, e também dançar as suas músicas sertanejas. Pessoas de todas as idades vibraram com o espetáculo. À certa altura, as artistas e os artistas me convidaram para ser parte do elenco”, tanto que algumas vezes eu vou na Oficina e eles me convidam e eu entro lá. (Risos) “A empresa do Grupo Silvio Santos contratou o escritório Brasil Arquitetura, de discípulos de Lina Bo Bardi, para criar um segundo projeto de *shopping center*, agora com o Teatro de Estádio. O Oficina não aceitou por considerar que o *shopping* iria descaracterizar o popular bairro do Bixiga. O projeto do Bela Vista Festival Center foi aprovado pelos órgãos de preservação do patrimônio, mas impedido de ser construído pela



Justiça, em 2007. Enquanto isso, o Grupo Silvio Santos seguiu com as demolições da quadra que, aliada aos vazios sob o Minhocão, desertificaram a paisagem urbana desse pedaço do Bixiga. Em 2010, o Teatro Oficina foi tombado pelo IPHAN, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sendo reconhecida a arquitetura teatral e o fazer artístico como patrimônio nacional. A história sofreu uma reviravolta quando Silvio Santos decidiu emprestar o terreno para montagem do Teatro de Estádio do projeto *Dionisíacas Em Viagem*. As portas dos fundos do Oficina foram abertas concretizando o Teatro Rua, preconizado por Lina Bo Bardi. Foi o primeiro contato com o tão desejado entorno. Em contrapartida, o Grupo Silvio Santos propôs a troca do terreno por qualquer outro da União. O Oficina tentou se articular com os governos do estado, do município e da União para que o terreno do entorno finalmente se tornasse público. Após seis anos de diálogo com Secretários da Cultura, Prefeitos, Ministros da Cultura, como Juca Ferreira, que muito apoiou o Teatro Oficina, no governo Lula, quando todas as condições necessárias e exigidas pelo grupo estavam sanadas, Silvio Santos desistiu do processo. O Grupo Silvio Santos apresentou um terceiro projeto que está atualmente em tramitação mudando a tipologia para três torres residenciais, com trinta andares e cem metros de altura”.

No primeiro semestre de 2017, José Celso conversou comigo sobre a possibilidade de ter um encontro com então Prefeito João Doria. Escreveu uma longa e bonita carta a ele sobre o Teatro Oficina e Doria aceitou e foi marcado o encontro, no SBT, com Silvio Santos, Zé Celso, eu e ele. Infelizmente não houve acordo. A disputa já virou uma luta simbólica entre uma companhia teatral e uma grande empresa imobiliária.

Enquanto isso, na Câmara Municipal de São Paulo, lutamos para criar primeiramente o Parque Lina Bo Bardi do Bixiga, nome sugerido pelo Oficina, mas em 02/02/2020, com apoio de Vereadores dos mais diversos partidos, inclusive da base do Governo, o projeto foi aprovado pelos Vereadores em segunda a votação, com apenas cinco votos contrários, mas infelizmente, em 16 de março de 2020, no final de semana em que o Prefeito Bruno Covas se encontrava de licença saúde, o Prefeito em exercício, Eduardo Tuma, vetou o projeto aprovado.

Eis que protocolei novo projeto de lei com o objetivo de criar o Parque do Rio Bixiga e então, exatamente por essa razão, é que nós estamos fazendo essa audiência pública com quatro comissões. As Comissões de Finanças, Educação Cultura e Esportes, Constituição e Justiça e Política Urbana. Então, pelo bem da cultura em nosso país, dos moradores do Bexiga, de todo o Brasil e da cidade de São Paulo, em especial, é que estamos realizando essa audiência.

Quero anunciar a presença do Casé que está aqui, Casé Angatu Tupinambá, muito bem-vindo aqui. Eu pergunto se houve algum problema? Por que estão subindo aos poucos?

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Não é possível, tem que abrir a porta lá, o senhor pode fazer a gentileza de pedir a portaria para deixar subirem as pessoas se não vai nos atrasar demais.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Então, me chame o responsável, por favor, não é possível uma coisa dessas, tem que ser rápido.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Estão presentes virtualmente os Vereadores Antonio Donato e a Dafne Sena, da Bancada Feminista. O próprio Zé Celso está lá embaixo, como é que não sobe? Não é possível uma coisa dessas, eu quero que chame o responsável pela Guarda Civil, vai lá e chame, por favor.

**O SR. JAIR TATTO** – Suplicy, a carta já finalizou, o texto seu?

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Sim, eu já terminei, só que lá embaixo estão impedindo as pessoas de subirem, até o Zé Celso Martinez está lá embaixo e até agora não autorizaram.

**O SR. JAIR TATTO** – É o tal do cadastro para entrar.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – E o responsável pela Guarda Civil? O responsável?

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. JAIR TATTO** – Maria Márcia já avisou lá.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Seja muito bem-vindo, Zé Celso Martinez Corrêa, convidado a sentar-se aqui para participar da Mesa. Por favor, Marcelo Drumond, sentem-se aqui, para participar da Mesa, dos nossos trabalhos. A Marília está presente? Por favor, sente-se aqui para participar dos trabalhos da Mesa. Marcelo também. Sejam muito bem-vindos.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Agora estão presentes. Então aqui está a Sra. Andreia Sousa, Secretária Adjunta da Cultura, que representa a Secretária Aline Torres; está presente também o Sr. Eduardo Guimarães de Vasconcellos, por meio virtual, que representa o Secretário Eduardo Castro, do Verde e do Meio Ambiente. Ainda não chegou, não tivemos notícia de quem foi convidado para representar o Grupo Silvio Santos. Zé Celso Martinez Corrêa está aqui, ao meu lado; Sra. Marília Gallmeister arquiteta e urbanista, ativista do movimento pelo Parque do Bixiga; está aqui presente o Sr. Cafira Zoe, poeta e ativista do movimento pelo Parque do Bixiga, está aqui presente também. Fabiano Toffoli, da Cetesb; Marieta Severo e Fernanda Montenegro, ainda não puderam estar. Wagner Moura também não, são convidados, mas não puderam. O padre Antonio Bogaz, Pároco da Igreja da Nossa Senhora Achiropita, se puder vir será ótimo.

Está aqui, presente, a Sra. Carmen Silva Ferreira, Liderança do Movimento de Moradia MSTC, confirmadíssima e presente; Daniela Campos Libório, ainda não confirmada; Casé Angatu Xukuru Tupinambá, está presente; Douglas Belchior, acho que ainda não. Márcio Telles e Marcos Santos, da Vai-Vai, ainda não. Está aqui? Márcio Telles, olha, que bom. (Pausa)

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** - Como é? Ah, da Nenê de Vila Matilde. Muito bem. Beth Beli, Ilu Obá De Min, está aqui? (Pausa) Mateus Solano, ainda não.

Estão presentes: Dafne Sena da Bancada Feminista, Vereadora; e Vereador Antonio Donato, por meio virtual; Samara Sosthenes, do Quilombo Periférico, também presente.

Querido José Celso, enquanto esperava vocês, fiz aqui a leitura desse texto que você conhece. Fiz a leitura na íntegra, aguardando você.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** - Mas estava em transmissão *on-line*. Mas o que está aqui, de alguma maneira, foi apreendido. A minha adolescência e como Diretor Cultural, Presidente do Centro Acadêmico de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Comecei a interagir contigo, fui muito estimulado por amigos comuns, como o Jorge da Cunha Lima e Paulo Cotrim, e tantos outros, então nós aqui estamos.

Bem -vindos. Olha só que bonito. (Palmas)

- Manifestação na plateia.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** - Quero agradecer a gentileza da responsável da Guarda Civil Metropolitana, que atendeu meu pedido para que vocês pudessem logo chegar aqui, senão atrasaria demais a nossa audiência pública.

E eu tenho parte da minha formação como Professor, Deputado Estadual e Deputado Federal, depois Senador por 24 anos, e Vereador hoje em terceiro mandato. Grande parte da minha formação se deu tão importante quanto meu Mestrado e Doutorado nos EUA foi a minha interação em assistir peças desde *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams; *Galileu Galilei*, de Bertold Brecht; *Roda Viva*, do Chico Buarque; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; e participei até da apresentação mesmo de *Os Sertões*, em Quixeramobim e Canudos.

São coisas que fizeram parte da minha formação, da busca pela construção de um Brasil justo, civilizado, fraterno, onde possamos ter, de fato, o direito para todas as pessoas, não importa sua origem, raça, sexo, idade e condição civil, ou socioeconômica, assim como de participarmos todos da riqueza comum de nossa Nação, de maneira a se prover dignidade, liberdade real para todas as pessoas, sejam elas indígenas, negras, amarelas, brancas, vermelhas, de toda e qualquer procedência.

E tenho, no José Celso um grande professor, um mestre, que volta e meia, nós conversamos e trocamos ideias sobre tantas coisas e melhorias. E, conforme eu relatei aqui, tentei até levar o Sílvio Santos, e tivemos uma reunião formidável com ele e com o Supla, num dia em que Zé Celso estava apresentando Os Sertões e, quando o Sílvio Santos chegou, numa tarde de um final de semana, os 50 atores e atrizes receberam esse querido apresentador com uma dança e uma canção, tão bonitas, e o Sílvio Santos ficou muito emocionado e atendeu a todos com muito boa vontade. Então esperamos que, sobretudo, querida Secretária Andréa, que a senhora possa até, se possível, persuadir o Sílvio Santos para chegar a um bom entendimento com o Prefeito Ricardo Nunes, talvez possa haver até uma certa troca de terreno, algo que possa ser feito para que, então, tenhamos a aprovação do projeto de lei do Parque do Rio Bixiga. Há tantos fatores tão importantes nesse assunto que o próprio Sr. Prefeito tem toda a condição de examinar.

Todos nós sabemos o quão importante foi a inauguração, e agora, o Parque Augusta, que até tem o nome de Bruno Covas. O Parque Augusta representa um lugar de excepcionalidade. Imaginem se tivermos, aqui, do lado, outro parque, esse do Rio Bixiga. Eu fico pensando que se for aprovada essa ideia, e chamo a atenção do Secretário do Verde - que está nos assistindo também - possa se abrir a possibilidade de cada pessoa que deseja muito ter um parque - e eu mesmo me disponho - ir até lá e plantar uma árvore. E acho que todos vocês também. Até convido a Sra. Andrea para plantar uma árvore quando tivermos lá o Parque do Rio Bixiga.

- Manifestação fora do microfone.

- Manifestação na plateia.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** - Eu queria dizer que temos uma lista de convidados e as inscrições para quem deseja participar estão abertas. Podem se dirigir à mesa fazer suas inscrições. Além dos convidados, iniciaremos a chamada das pessoas que desejam falar.

Neste momento, convido para fazer uso da palavra o Sr. Carlos Henrique Prestes

Camargo, Primeiro Promotor de Justiça do Meio Ambiente da Capital. Ele, que nos prestigia virtualmente, para expor seu ponto de vista sobre o Parque do Rio Bixiga. Só para lembrar, vamos limitar o tempo em três minutos, tá bem? Assim damos oportunidade a todos os convidados e os presentes também.

**O SR. CARLOS HENRIQUE PRESTES CAMARGO** - Perfeitamente, Vereador, bom dia a todos. Em primeiro lugar, quero parabenizar V.Exa. pela iniciativa, Vereador Suplicy. Tem mesmo que a população discutir esse tipo de ação.

Quero dizer que o Ministério Público entrou com uma ação contra a construção desses prédios, dessas torres, obtivemos liminar, a ação foi julgada procedente, e encontra-se, hoje, em grau de recurso.

Rapidamente, quero parabenizar mesmo a iniciativa e dizer que o Ministério Público apoia totalmente a criação desse parque, aliás, nós apoiamos a criação de qualquer tipo de parque em São Paulo, que é tão carente de áreas verdes, carente de áreas de lazer para a população. E, especialmente, nessa área da Bela Vista e do Bixiga, das áreas verdes e parques para todos usarem.

- Ruído na gravação. Transcrição prejudicada.

**O SR. CARLOS HENRIQUE PRESTES CAMARGO** - Parabenizar também o ... pelo teatro..., que é um marco na cidade de São Paulo, no Estado, no mundo. Teatro Oficina é hoje reconhecido mundialmente.

Parabéns a todos que estão e dizer que estamos, aqui, à disposição para qualquer tipo de pergunta.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** - Muito obrigado, Sr. Carlos Henrique Prestes Camargo, também por sua solidariedade a esta causa do Parque do Rio Bixiga, reconhecendo a importância da cultura do parque.

Quero dar as boas-vindas ao ex-Vereador, sempre Vereador Nabil Bonduki, peço para sentar-se conosco, à Mesa.

- Manifestação no ambiente virtual.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** - Não entendi quem usou da palavra agora. Ah, tudo bem. Teria o direito agora, mas se estiver presente o seu representante assim designado o Prefeito Ricardo Nunes, que será muito bem-vindo a qualquer momento para participar desta audiência. Mas, em ele não estando, nós convidamos agora a Sra. Andréa Sousa, Secretária Adjunta da Cultura que, aqui, representa, a Secretária Aline Torres.

Eu gostaria de informá-la que o Secretário que a antecedeu, o Sr. Alex Youssef, teve muita interação conosco a respeito do Teatro Oficina e ele, por diversas vezes, manifestou-se a favor da criação do Parque do Rio Bixiga, mas não ouvimos ainda a palavra da Secretaria da Cultura, sob a direção da Sra. Aline Torres, e da Sra. Andréa Sousa, portanto, é com muita satisfação que desejamos convidá-la a fazer uso da palavra.

**A SRA. ANDREA SOUSA** - Preciosas criaturas todas aqui, muito bom dia.

- Manifestação na plateia.

**A SRA. ANDREA SOUZA** - Aliás, criaturas e seres encantados. nas performances de vocês, meu querido Vereador Suplicy, você não é só Vereador - como se fosse pouca coisa, muita coisa -, mas a sua história, o seu amor, o seu zelo autêntico e ousado pela Cultura faz de ti uma instituição. Feliz essa proposta, feliz essa luta da implantação do Parque do Rio Bixiga.

Nossa cidade precisa tanto de parque. E o que é um parque senão um local de lazer, de entretenimento, de *performances* artísticas e culturas, as mais variadas linguagens. O que é um parque na selva de pedra? É um frescor. O que é um parque na Paulicéia desvairada? Uma leveza. O que é um parque na Sampa dos Velhos, Novos e Médios Baianos? É uma urgência.

O Bixiga tombado quatro vezes: uma pelo Patrimônio Histórico; uma pelo Condephaat e duas pelo IPHAN. E quem são os que não têm a sensibilidade de entender a importância da implantação de um parque no Bixiga?

O nosso Prefeito Ricardo Nunes é um entusiasta da sustentabilidade. É um entusiasta da arte e da cultura.

Estivemos aqui, na semana passada, em outra audiência, para a implantação de um

parque na Praça Princesa Isabel. E cá estamos nós. Então, a posição da nossa Secretaria Municipal de Cultura é de uma reverência, de uma referência e de uma deferência - e cearense não perde a rima - ao Teatro Oficina.

O que significa o Teatro Oficina nas artes cênicas, não apenas do Brasil, mas fora dele? E o que é Oficina, se pensarmos no termo, na palavra oficina? Oficina é um lugar de conserto. E conserto rápido. Todavia, é um local de cutucações o tempo inteiro. E esse Teatro Oficina, a implantação do Parque Bixiga, em respeito à luta e à história desse monumento Celso Martinez, essa Oficina é de “s” de conserto, de arrumar coisas, arrumar cenários, arrumar público; mas também é do conserto com “c”, o conserto tanto da audição musical, como neste instante, nesta audiência, é o conserto com “c” do acordo, do pacto, de um conserto entre a sociedade civil, o Governo, os mais variados coletivos, a inteligência de sobrevivência nessa cidade, o Parque do Bixiga.

O Bixiga, de tanta história. O Bixiga, onde a primeira negra, ou a primeira residência adquirida por uma negra aconteceu. A casa da D. Elza, de locação do filme *Pixote*. O bairro Bixiga que é uma quebrada no meio do Centro, com todas as suas referências, com todos os seus teatros, com todos seus museus e toda sua gastronomia. Com todo Armandinho do Bixiga, fundador de um dos museus, que foi um dos idealizadores do bolo do Bixiga.

Tivemos hoje - ontem - a perda, a passagem, melhor dizer assim, do nosso querido Walter Taverna que, neste instante, está sendo velado no Teatro Sérgio Cardoso. Ele, com certeza, concorda com esse movimento.

Portanto, para que a nossa São Paulo seja mais leve; para que a Arte e a Cultura sejam respeitadas, a Secretaria Municipal de Cultura, o Prefeito Ricardo Nunes, são a favor, estão abertos à conversa e ao diálogo e à potencialização da instituição - instituição, de instituir - o Parque Bixiga. Muito obrigada a vocês todos. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Querida Andrea Sousa, a senhora nos transmite uma boa nova formidável, inclusive fala tanto em nome da Secretária Aline Torres como também do Prefeito Ricardo Nunes. Quero dizer que é a primeira manifestação



pública que eu ouço da parte do Prefeito Ricardo Nunes, por meio de suas palavras, de respeito e consideração pela história do Teatro Oficina, e a senhora dá um início muito positivo a esta audiência pública.

**A SRA. ANDREA SOUSA** – Inclusive está conosco aqui o nosso arquiteto Estevão, Coordenador do nosso Núcleo de Engenharia e Arquitetura, que vem ouvindo e anotando para que possamos prosseguir com essa bela conquista. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Eu gostaria, inclusive, de convidá-lo a falar aqui em algum momento.

Tem a palavra o Sr. Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos, Secretário-Ajunta do Verde e do Meio Ambiente, neste ato representando o Secretário Eduardo de Castro.

**O SR. CARLOS EDUARDO GUIMARÃES DE VASCONCELLOS** – Vereador Suplicy, obrigado. Ficamos muito (falha na transmissão) da audiência pública.

Não é uma demanda de hoje; já é a segunda vez que o projeto de lei é submetido.

Inicialmente, eu cumprimento a Mesa, na figura do Sr. Presidente, Exmo. Vereador Jair Tatto; o ilustre Vereador Eduardo Suplicy; demais ilustres Vereadores presentes; Secretários e Secretárias; demais autoridades e munícipes presentes a esta audiência pública. Aproveito também a oportunidade para lamentar a perda do Sr. Walter Taverna e enviar os meus sentimentos e fraterno abraço em nome da Secretaria do Verde e Meio Ambiente e do Secretário Eduardo de Castro à Sra. Thais e aos demais familiares do Sr. Walter.

Sr. Presidente, Vereadores e autoridades, é importante ressaltar que o PL 877/2021 ainda não tramitou formalmente na nossa Secretaria, ao contrário do PL 817/2017. Ressalto sempre a importância do diálogo com a população, nas intervenções, na criação de novas áreas verdes e, como sempre, quero parabenizar a Câmara Municipal, na figura de seus Vereadores, pelas iniciativas que aumentam as áreas verdes da cidade de São Paulo. Somos completamente a favor de sempre preservar áreas verdes, de criar áreas verdes, desde com o necessário provisionamento para a sua manutenção e desenvolvimento para a população.

Nesse sentido, fico à disposição. Acho importante informar que a Secretaria do Verde

está à disposição para sanar quaisquer dúvidas e questionamentos que os presentes tenham em relação a esse importante projeto.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito obrigado, Sr. Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcellos.

- Aplausos no recinto.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Nós vamos providenciar que, de pronto, seja encaminhado à Secretaria do Verde e Meio Ambiente o projeto de lei que cria o Parque do Bixiga, na forma como está agora tramitando, e essa audiência pública que envolve todas as Comissões pelas quais o projeto precisa passar.

Neste momento, eu passaria a palavra ao representante do Grupo Silvio Santos/RV Empreendimentos para expressar o seu posicionamento. Tenho todo o respeito ao Silvio Santos, um dos maiores comunicadores da história do Brasil, com quem já procurei dialogar certa vez, em 2004, e no tempo de João Doria como Prefeito. Hoje seria outra grande oportunidade, mas nem o Silvio Santos nem um representante compareceram, apesar de ainda poderem chegar. Vamos aguardar e, se algum deles vier, será muito bem-vindo.

Tem a palavra o ex-Vereador, Nabil Bonduki, urbanista e ex-Secretário Municipal de Cultura.

**O SR. NABIL BONDUKI** – Bom dia a todas, todos e todes.

Primeiramente cumprimento todos os componentes da Mesa e todos os que vão fazer uso da palavra. É um prazer estar aqui juntamente com o querido Vereador e sempre Senador Eduardo Suplicy, que é um persistente lutador pelos direitos sociais e urbanos na cidade de São Paulo e no Brasil. Essa luta pelo Bixiga, pelo Oficina e pelo parque é uma das lutas pela qual o nosso querido Vereador vem batalhando persistentemente e, como nós todos sabemos, essa sua persistência vai ser bem-sucedida, assim como vai ser a do nosso querido José Celso.

Eu me lembro, José Celso, há exatamente 20 anos, quando, neste mesmo auditório, nós fizemos um grande evento, a entrega do Título de Cidadão Paulistano a você, assim como

me lembro do cortejo que veio do Teatro Oficina até esta Casa, cujo tema já era a manutenção desse terreno adquirido pelo Grupo Silvio Santos como terreno público. Na época, não estava sendo reivindicado como parque, mas como espaço cultural, e agora assume uma feição muito mais ampla, porque se reivindica um parque cultural. Aliás, essa noção mais ampla é extremamente importante e valiosa para São Paulo, que já tem alguns parques culturais significativos, um deles o Ibirapuera, que, além de parque, abriga alguns equipamentos de cultura de primeira grandeza dentro da cidade de São Paulo e do Brasil.

Aproveito a oportunidade para cumprimentar a Secretária-Adjunta Andrea e dizer que nós também temos outros parques que também tem equipamentos culturais que precisam ser implementados, que inclusive estão previstos na Secretaria de Cultura por meio de um decreto que regulamentou os equipamentos culturais, sendo um deles o Centro Cultural e Criativo do Parque do Jockey, onde já existe inclusive uma área, reformada no período na gestão do Prefeito Haddad, quando eu era Secretário, composta por galpões, as antigas baias da Chácara do Jockey, que deveriam ter sido transformadas num centro cultural; uma parte das obras ficaram prontas no início de 2017, mas está abandonada pela Prefeitura há praticamente cinco anos.

Estou citando tudo isso para dizer que a ideia de um parque como o do Bixiga, onde vai se associar uma área verde, uma área que preserva fundos de vales e que se articula com um teatro e com uma arena cultural, é uma proposta extremamente pertinente e importante.

Não vou me estender muito, mas quero me concentrar nos caminhos que nós podemos percorrer para chegar ao resultado de criação do Parque do Bixiga. O mais simples e óbvio seria a desapropriação da área, mas talvez o mais caro, porque o Grupo Silvio Santos, uma empresa imobiliária privada, provavelmente num processo de desapropriação, vai exigir uma indenização por não realizar lá um empreendimento. Então, apesar de relativamente simples – o Sr. Prefeito declarar a área de utilidade pública e, a partir daí, abrir um processo desapropriatório –, provavelmente um acordo amigável seria difícil, porque a empresa iria à Justiça, e a desapropriação geraria um precatório de grande valor para a Prefeitura.

Por isso, eu acho que nós podemos ir por outros caminhos que também são possíveis

no caso do Parque do Bixiga. O mais óbvio seria uma permuta do terreno do Parque do Bixiga por algum terreno municipal que não tenha a importância ambiental e cultural do terreno ao lado do Oficina e que possa ser feito um acordo com a permuta; ou seja a empresa continuaria podendo realizar o empreendimento em um outro terreno. Há outros terrenos nessa situação em São Paulo, como, por exemplo, um que já foi aventado para uma eventual privatização, que é o terreno onde hoje está instalada a Subprefeitura de Pinheiros, na Marginal do Rio Pinheiros, que tem um valor equivalente, provavelmente até superior, em relação ao qual a Prefeitura pode até fazer um acordo nessa permuta, permitindo, nesse novo edifício a ser construído, alguns andares para a própria Subprefeitura, que poderia continuar no mesmo prédio, resolvendo esse problema com a possibilidade do Parque do Bixiga.

Essa, então, me parece uma possibilidade muito objetiva e seria muito mais coerente não gastar recursos.

Quero falar de outra coisa que eu acho muito importante do ponto de vista da Cidade: o Parque do Bixiga não está previsto no Plano Diretor de 2014 e pela simples razão de que, na época, não era essa a reivindicação do próprio movimento. Se essa questão tivesse sido aventada naquele momento, ela teria sido incluída pelo relator do Plano Diretor, pois 168 áreas foram incluídas como parques previstos na Cidade, dentre as quais o Parque Augusta, que foi efetivamente implantado.

Qual a vantagem de uma área estar incluída como parque no Plano Diretor? São duas. A primeira é que, de certa forma, isso cristaliza o desejo não só de um bairro, mas da Cidade como um todo, de ter aquela área como parque. Essa área deveria estar incluída no Plano Diretor, só não foi porque, naquele momento, não foi uma reivindicação. Eu acho que, efetivamente, isso precisa acontecer e, Vereador Suplicy, mesmo que isso seja difícil de ser aprovado a curto prazo, eu proporia que esse projeto de lei, além de criar o parque, proponha uma alteração no Plano Diretor a fim de incluir o Parque do Bixiga como um dos parques previstos, porque isso daria força para essa luta. Simplesmente uma autorização para a criação do parque não cria obrigação para a Prefeitura, mas, constando do Plano Diretor, geraria uma

obrigação.

Na verdade, ao criar o Parque do Bixiga, a Prefeitura deveria, simultaneamente – e eu já fiz essa proposta em outras oportunidades –, se comprometer a implantar um conjunto de parques em várias regiões da Cidade para não parecer que está criando apenas um parque no Centro da Cidade, porque o objetivo dessa luta tem que ser – assim como o Fórum Verde tem defendido – a criação de um conjunto de parques.

Seria, então, importante, no mesmo ato da criação do Parque do Bixiga, a Prefeitura também desapropriar – mesmo através de outros instrumentos – e obter terrenos para implantar pelo menos um a dois parques em cada região da Cidade a fim de gerar um equilíbrio na geração de áreas verdes, e a Prefeitura tem total condição de fazer isso, porque tem hoje não só recurso em caixa, como também recursos do Fundurb – Fundo de Desenvolvimento Urbano –, quase um bilhão de reais depositados nele.

Hoje a Prefeitura tem condições, ao contrário de seis anos atrás, na gestão do Prefeito Fernando Haddad, quando não tinha recursos disponíveis para nada. Inclusive eu, como Secretário, sofri as consequências disso, porque a Prefeitura pagava 13% de seu Orçamento como dívida, e isso onerava o Orçamento Municipal, mas esse problema foi resolvido parcialmente no finalzinho do Governo Haddad, quando ele negociou a redução da dívida, de quase 80 bilhões de reais para 27 bilhões de reais, e agora, com o Campo de Marte, essa dívida foi praticamente anulada.

Então, hoje há recursos do Município para fazer um grande plano de parques para a Cidade, e o Parque do Bixiga tem que estar dentro desse plano. Estando no Plano Diretor, seria possível, por exemplo, usar o mesmo instrumento que foi utilizado para o Parque Augusta, que é a transferência do direito de construir, mas me parece que nós temos que colocar mais urgência nisso, porque até que o Plano Diretor seja modificado e negociada essa transferência, há outros mecanismos mais rápidos que podem viabilizar o enfrentamento dessa questão.

Finalmente, há uma última possibilidade, que também depende da Prefeitura. Na Lei de Uso e Ocupação do Solo, de 2016, a área do Parque do Bixiga foi definida como uma ZOE –

Zona de Ocupação Especial, que pode ter a sua regulação de uso do solo definida por um decreto baseado em um Plano de Intervenção Urbana, que a Prefeitura já deveria estar fazendo. Aproveito a presença do arquiteto Estevão, da Secretaria Municipal de Cultura, porque seria muito importante que primeiro, juntamente com os arquitetos do movimento, ela estabelecesse um plano de ocupação daquela área, prevendo um parque dentro dessa ocupação, porque isso legitimaria também o processo de criação do parque.

Como eu mostrei aqui, nós temos quatro possibilidades, quatro alternativas para viabilizar a ocupação daquela área como um parque, que faz parte, vamos dizer assim, de uma visão estratégica da Cidade, pois o Plano Diretor define que as áreas de fundo de vale, que são as APPs urbanas, devem ser preservadas – não vou me lembrar agora o artigo do Plano Diretor no qual isso está previsto. Então, embora o Parque do Bixiga não esteja previsto nele, a criação de parques lineares ao longo de fundos de vale é uma previsão do Plano Diretor.

Portanto, nós temos muitas argumentações possíveis, fora aquelas que a Secretária já abordou aqui, como a questão do tombamento e a da necessidade de haver áreas envoltórias do tombamento do Oficina e todas as várias questões de caráter cultural que justificam plenamente a criação de um parque cultural, o Parque do Bixiga, que certamente vai ser uma grande conquista da cidade de São Paulo.

Obrigado.

- Aplausos no recinto.

**A SRA. ANDREA SOUZA** – Vereador Suplicy, aproveitando a fala do nosso querido Nabil Bonduki em relação à Chácara do Jockey, eu tenho a alegria de informar a vocês sobre a EMIA – Escola Municipal de Iniciação Artística, que já descentralizamos. Além da pioneira Jabaquara, já inauguramos a da Brasilândia e uma terceira será inaugurada na Chácara do Jockey. Além disso, nós, o Sistema Municipal de Bibliotecas – um total de 56 –, a Coordenadoria dos Centros Culturais e Teatros, o Conselho do Parque, o Conselho da Chácara e o Fórum de Cultura do Butantã, estamos potencializando uma programação não apenas pontual, mas uma programação regular. Nós teremos lá, na Chácara do Jockey, um grande, eu não diria

nascedouro, mas um grande acolhedor das competências criadoras e criativas das infâncias e de outras faixas etárias também.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Quero agradecer muito, querido Nabil Bonduki, em função da sua experiência e conhecimento inclusive como Secretário da Cultura desta Cidade, mas como Vereador pode aqui assinalar como será perfeitamente viável e possível com as diversas alternativas que apresentou. Agradecemos muito.

Acredito que a Prefeitura, através da Secretaria da Cultura e do Verde aqui presentes, certamente, mostra que os caminhos alternativos citados por você, querido Nabil, são muito viáveis.

Então, agora, vamos passar a palavra a arquiteta e urbanista, ativista do Movimento para o Parque do Rio Bixiga, companheira nesta causa, Marília Gallmeister. Tem a palavra, por favor.

Antes, gostaria de assinalar e dar boas-vindas a presença do Vereador Daniel Annenberg que está presente virtualmente. Seja bem-vindo, Daniel Annenberg.

Com a palavra Marília Gallmeister.

**A SRA. MARÍLIA GALLMEISTER** – Iyá! Antes de começar a fala de quem luta muito por dentro, acho que todas as pessoas que estão compondo esta Mesa são entusiastas e apaixonados por essa luta, eu queria acender uma vela, que é como a gente começa nossos ritos e nossos teatros no Oficina. Uma vela aos pés de Exu, que compõe hoje a nossa Mesa também, uma coisa extraordinária nesta casa do povo que ainda mantém imagens tão violentas como estas. Aproveito aqui a presença de todos nós. Tem um indígena aqui que é Casé Tupinambá, pessoas pretas...

- Manifestação do público.

**A SRA. MARÍLIA GALLMEISTER** - Como bem apresentou o Vereador Suplicy como arquiteta, sugiro que a gente substitua esses dois totens da tortura, da colonialidade Bandeirantes de São Paulo por quadros de Abdias do Nascimento. (Palmas).

Essa vela eu vou passar as mãos de Cafira, que também é de Oxossi, que celebra

fatura aos pés de Exu. Essa vela celebra a ancestralidade dessa luta passando pelos nordestinos do sertão de Pernambuco; Surubim Feliciano da Paixão; Sandy Celeste; Edgar Ferreira; mestre Ananias; todo matriarcado puxado pela ex-escravizada e auto coroada Libertas, ponta-de-lança do matriarcado desse chão; Cacilda Becker; Dona Yayá, que sofreu na pele e no corpo o que é a violência manicomial; Penha Pietra; o poeta Oswald de Andrade; o geógrafo Aziz Ab'Saber; o arquiteto e artista Flávio Império; Mário de Andrade; o entusiasta Sérgio Mamberti; ontem, o lutador por esse chão que foi a ponta de lança para tombamento do bairro do Bixiga Walter Taverna; João Acaiabe; e Pai Francisco de Oxum, que é zelador espiritual da Vai-Vai e é zelador, e sempre foi, da ancestralidade do chão do Bixiga que morreu há pouco mais de uma semana.

Essa vela evoca e ilumina toda essa ancestralidade. É todo um coro de alianças que se forma no Orum, que se forma na terra junto com essas presenças, o poder dessas presenças diante da presença desse poder que é a Assembleia Legislativa.

Também queria acender essa vela para as mais de 60 pessoas que foram mortas, mais de quatro mil desabrigadas, 50 desaparecidas em Pernambuco, na periferia de Olinda, na periferia de Recife; todas as pessoas que morreram no começo desse ano a periferia de São Paulo por conta de enchentes, enxurradas e deslizamentos.

Casé está aqui também e lutou muito pela frente nas tragédias que aconteceram no sul da Bahia. Isso só para deixar bem-marcado que tragédia ambiental, catástrofe ambiental não é acidente. Tem responsáveis, tem beneficiários e tem um alvo. Então, essa luta é uma luta para que o bairro do Bixiga não se torne também uma área de risco e um alvo para essa tragédia.

Acompanhamos no começo do ano o rio Saracura muito forte, saindo, transbordando, como acupuntura justamente aonde estava a quadra da Vai-Vai, esse quilombo.

Então, está muito claro e muito evidente que o Bixiga está correndo risco ambiental, humano, transumano, cultural. É uma tragédia anunciada, mas é reversível pelo poder humano dessas pessoas que estão aqui em alianças com o Poder Executivo e o Poder Legislativo de São Paulo.



Eu fico um pouco desconfiada dos consensos quando a gente está numa casa institucional, porque tenho muito menos tempo dessa luta do que o Zé, que tem mais de 40 anos, eu tenho 11 anos de luta, mas estive em muitos momentos e situações como esta em que se afirma um entusiasmo em relação à luta, não só o Executivo, mas do Legislativo. Então, aproveito este momento porque assistimos o Prefeito Ricardo Nunes falar em rede nacional, no *Roda Viva*, da *TV Cultura*, dizendo que não estava naquele momento entusiasmado com a criação do Parque do Rio Bixiga porque é uma área privada e porque sugeriria inclusive que fosse criado esse parque em outro lugar e que não havia fundos orçamentários para que esse parque fosse criado e mantido.

Então, se ele reviu esses argumentos, então, que a gente aqui como está representado o poder popular, o Poder Executivo, Andrea.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Andrea, por favor. É importante que a Secretária-adjunta possa ouvir a Marília e depois vocês fazem a entrevista, por favor.

**A SRA. MARÍLIA GALLMEISTER** – É que é um momento de pacto.

Estamos aqui com o Poder Executivo, representado pela Andrea, tanto a Secretária de Cultura Aline Torres, quanto o Prefeito de São Paulo Ricardo Nunes, Legislativo, poder popular e a *TV Câmara* registrando. Quer dizer, as vereanças que votamos - todos os Vereadores e Vereadoras também estão assistindo - e eu acho que é uma cumplicidade que tem de se criar.

Se já é uma causa ganha, se já existe uma convicção de que o Prefeito acredita também que é preciso criar o Parque do Rio Bixiga porque é uma conquista para a Cidade, então, acredito que deste encontro de hoje a gente firma um pacto que está registrado que nos próximos dias a gente faça uma reunião com o Prefeito Ricardo Nunes com uma equipe técnica para avaliar como viabilizar isso para que, de fato, essa fala não seja mais uma fala nesses 40 anos de demagogia. Tenho muita fé na fala que foi feita pela Andrea e muita fé em todas as pessoas aqui. Então, que seja a abertura de um caminho. (Palmas).

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Marília, muito obrigado por

suas palavras e esclarecimentos, mas acho que eu ainda gostaria que você falasse um pouquinho mais, porque você participou da criação do Parque do Rio Bixiga. Diga nas suas palavras tão esclarecedoras o que é o Parque do Rio Bixiga. Só, em poucas palavras. Estou esperando isso de você. Acho que todos nós, por favor.

**A SRA. MARÍLIA GALLMEISTER** - Acho que todas as pessoas aqui podem falar o que é o parque, porque ele tem muitas perspectivas e desejos e projeções, mas da perspectiva de um projeto arquitetônico a gente tem, desde a década de 80, do começo, Lina Bardi fez a primeira macumba gráfica. Ela propôs um croqui para o cultivo daquele terreno. Desde então, essa bola foi passada para muitos arquitetos, artistas e poetas que contribuíram para a criação desse desenho, que nunca é um projeto que vai ficar estacionado, ele está sempre em metamorfose, em uma transformação permanente.

Mas, hoje, existe um projeto piloto. Se tem alguma coisa que dá para ser colocada aqui, é que existe de uns anos para cá um novo protagonista nessa luta, que é o Parque do Rio Bixiga.

- Manifestação fora do microfone.

**A SRA. MARÍLIA GALLMEISTER** - É o que interessa. Às vezes, o que interessa não é exatamente a gente dar conta das nossas humanidades, mas colocar em sendo Parque do Rio Bixiga e hoje esse projeto piloto prevê a renaturalização do Rio, que é o marco inicial para agente retomar essa terra. (Palmas).

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito obrigado.

Passemos a palavra, agora, ao Cafira Zoé, poeta e ativista do Movimento pelo Parque do Rio Bixiga.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – O nosso bombeiro está dizendo que há um regulamento da Câmara Municipal que nenhuma chama pode ficar acesa. Será que o tempo que ficou acesa....

**O SR. MARCOS SANTOS** – Sugiro que o bombeiro possa apagar a vela. Vou

substituir essa luz por uma canção. Pode levar a vela para fora?

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – O senhor está cumprindo seu dever. Pode apagar a vela. Ele, então, vai você vai fazer uma canção para substituir.

**O SR. MARCOS SANTOS** – A vela da luz, a vela do nascer do sol, a vela do dia e no lugar da vela, então, a gente vai cantar essa canção, que é assim.

- Apresentação musical.

**O SR. MARCOS SANTOS** – Agradecemos a Olorum, grande criador que nos permitiu dar essa luz e que não será apagada, porque eu vou sair com ela. Luz não se apaga e Exu está comigo, está conosco. Exu é o caminho e, por isso ele está aqui. *Laroiê*, Exu!

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Eu quero agradecer ao Sr. Vanderson que, como Bombeiro, é cumpridor do seu dever e, graças à atitude dele é que nós tivemos a oportunidade de ouvir essa linda canção. Agradeço muito. (Palmas)

Agradeço muito ao Marcos Santos, da Nenê de Vila Matilde. Muito obrigado. (Palmas)

**A SRA. CAFIRA ZOÉ** – Essa chama saiu, mas a chama de cada um permanece.

Boa tarde. Eu gostaria de saudar todas as pessoas, todas as entidades aqui presentes, humanas e não humanas; a todas as forças que aqui estão. Gostaria de saudar o fogo dentro de cada uma de nós.

O Parque do Rio Bixiga não é uma luta isolada. Nunca foi. São 40 anos de uma luta por um território urbano, de uma luta com um território urbano, de uma luta ao lado de um território urbano. Não é uma luta bandeirante. Não é uma luta para firmar uma bandeira. É uma luta ao lado daquele território, ao lado daquela terra, que Cazé muito bem disse: o Bixiga deveria ser demarcado como um território de luta ancestral.

As palavras aqui são muito importantes e hoje aparentemente é um dia de boas palavras. Parece que estamos em uma boa audiência, com boas novas e isso é muito bem-vindo. No entanto, a palavra é Exu, e a palavra é ação. Nós não precisamos abrir a porta da esperança. Nós não esperamos por ninguém. Não existe Silvio Santos, não existe José Celso, não existe

Suplicy. Existem todas as pessoas que aqui estão. Nós não esperamos Godot. Nós não queremos esperar Godot, porque a luta, no aqui agora, exige uma tomada de ação, de cada força, que é um corpo político nesta cidade. Nós somos uma luta coral. Nós somos a força de cada pessoa aqui e de todas as outras que estão fora.

A questão do Parque do Rio Bixiga é uma luta ao lado do cinturão verde guarani, que não consegue ser demarcado em São Paulo. É uma luta ao lado da rede dos novos parques, sem dúvida, e é uma luta de aliança, porque nós estamos vivendo uma tomada de decisão política. E é uma lástima, é uma grande lástima que o Prefeito Ricardo Nunes não esteja presente, porque nós vivemos teatro e, no teatro, o poder da presença importa. É muito bom que nos representemos uns aos outros, mas é muito importante que as forças que têm vontade política, na Cidade, se façam presentes. Isso porque não tem como conseguirmos confiar na vontade política se a presença não se faz.

---

Então, uma questão muito importante a ser dita é: nós vivemos, em São Paulo, uma situação de emergência climática. Existe uma questão chamada de “racismo ambiental”. Então, o Parque do Rio Bixiga não é uma área de lazer muito legal. Mas, existe uma questão cosmopolítica ambiental, social, fundamental: o Bixiga é o bairro com menor número de área verde por habitante. São Paulo é uma tragédia ambiental. Então, a implementação do Parque do Rio Bixiga é uma luta que responde à uma questão de saúde pública, na cidade de São Paulo, e que se conecta com o movimento mundial neste momento. Não é uma luta pequena. Não é uma luta de bairro. É uma luta pela vida, ao lado da vida. É uma luta cosmopolítica ao lado da vida.

Então, eu gostaria de chamar a força dessa vontade política do Ricardo Nunes e de todas as pessoas do Poder Público que estão aliadas a se revelarem politicamente, a se colocarem politicamente.

Há uma coisa que aprendemos no Teatro Oficina que é: ouvir o que o outro fala, dar foco para uma cena. Isso é uma política do nosso tempo.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Querida Zafira...

**A SRA. CAFIRA ZOÉ** – Não é “querida” e não é “Zafira”.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Cafira Zoé, eu peço para que você fale o seu nome, porque cada pessoa que fala, para o bom registro das Notas Taquigráficas, é bom que pronuncie o nome. Você está nos revelando coisas muito importantes, mas, por favor, cite o seu nome, porque, para que nós, será muito bom.

**A SRA. CAFIRA ZOÉ** – É Cafira Zoé.

E eu acho o seguinte, só para finalizar, a luta do Parque do Rio Bixiga é uma luta ambiental, social, política, antirracista, antipatriarcal e ela precisa ser entendida nessa dimensão coletiva, porque se formos ficar centrados nessa lenga-lenga de Teatro Oficina, Silvio Santos, Zé Celso e Doria, se formos centrar nisso, e isso é uma armadilha política, estaremos ferindo de morte uma luta social, coletiva e é isso que querem. Querem fazer uma narrativa assim, para que achemos que a luta significa isso e a luta é muito maior que isso.

Então, eu gostaria que pudéssemos sagrar esta luta para fora desses totens messiânicos, patriarcais, racistas, antiquados e sagrar um caminho à frente, de libertação realmente, não só daquelas terras, daquele rio, como de cada uma de nós aqui presentes. Porque é insuportável. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito obrigado, Cafira Zoé.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORREA** – Mas você está nos chamando de fascistas? Eu não entendo isso. Você está me chamando de fascista? Hein, Cafira Zoé?

**A SRA. CAFIRÁ ZOÉ** – Você se sentiu chamado de fascista, meu amor? Eu estou falando com a política, a grande política. Eu estou falando da grande política. Nós temos de sair do Centro. Os homens precisam sair do centro, achar que são assunto o tempo inteiro.

- Manifestação fora do microfone – inaudível.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Esclareceu? (Pausa)

Informo que na discussão, que definiu o Projeto de Orçamento Anual de 2022, a proposta de maior votação da região Central foi para que se realizasse o Parque do Rio Bixiga.

Acho que é importante salientar isso.

Passo a palavra para Fabiano Toffoli. (Pausa) Sabemos de todos que são a favor do Parque do Rio Bixiga: Marieta Severo, Fernanda Montenegro, Wagner Moura. Se quiserem ainda, poderão a qualquer momento falar, mesmo que virtualmente; o Padre Antônio Bogaz, Pároco da Nossa Senhora Achiropita.

Agora passamos a palavra à nossa querida liderança do Movimento de Moradia do MSTC, Carmen Silva Ferreira. (Palmas)

**A SRA. CARMEN SILVA FERREIRA** – Gente, eu quero saudar os mais velhos, os mais novos, porque precisamos de vocês. Quero saudar a Mesa. Quero dizer que eu vivi cansada de esperar Godot, então tive de tomar muitas atitudes, e uma das atitudes que eu tomei foi, depois de passar pelas ruas de São Paulo na década de 90, foi ocupar um prédio na Avenida Nove de Julho – que hoje é conhecida Ocupação de Nove de Julho. Depois, em seguida, vi que tinha tantas irmãs e irmãos também necessitando de moradia e, aí, eu ocupei, em 98, aquele prédio que ainda estava em pé ali no terreno do Parque Bixiga.

A minha ansiedade por ter casa não me deixou enxergar que casa é somente parte de um conjunto, que é o urbanismo; que é parte de um conjunto habitacional. E, ali, eu compreendi que eu estava em uma curva de um rio. E compreendendo essa curva de rio, eu não poderia deixar de entender que a luta por moradia passa também pelo meio ambiente, passa também pelo bem-estar. E, daí, eu comecei a namorar o Teatro Oficina, ainda com aquele receio de entrar no Teatro Oficina. Digo isso porque nós temos uma cultura separatista, que não nos diz que nós temos direito, como cidadãos, à Cultura; que nós também podemos participar de algo que faz parte de nossa energia, de nossa vida. E, aí, como uma ativista que sou e uma grande amante do Bixiga, eu disse: “Nós temos de congruir esses saberes”.

Queria aqui deixar enfatizado a doação que o Teatro Oficina, nas pessoas de Zé Celso, Cafira Zoé, da Camila, enfim, de todos que ali resistem para mostrarem que a Cultura é um anseio de todos e de percepção para todos e que todos têm o direito.

A doação de transformar aquele terreno, que é escombros, é escombros porque foram

tiradas pessoas que moravam ali, demoliram e deixaram os escombros e a resistência da natureza. Ali, nasceram árvores. Mas eu não quero falar de árvore, porque quando se fala em parque tem uma conotação errada, que naquele lugar é para se plantar árvore. E não. Nós estamos falando de uma doação, uma doação de saberes, porque quando nós “bixigentos”, vemos que a nossa juventude terá a oportunidade de frequentar um parque cultural com uma ideologia e um contexto de ensinamento, isso é para o bem de uma cidade, é para o bem de todos.

Eu quero, aqui, fazer um apelo a esta Casa, a todos os Vereadores que estão presentes nesta audiência. Eu, Carmen Silva, sou uma munícipe, ativista pelo direito à Cidade, que me compreendo hoje uma urbanista por prática, porque o erro de querer morar – moradia, moradia, moradia -, não é mais o erro que eu cometo como liderança de movimento. Moradia sim, mas acrescida de outros direitos, direitos fundamentais que são necessários para a saúde mental. Eu estou falando de um Bixiga adensado, com quase 70 mil pessoas morando; que está envelhecendo; que não tem um ônibus circular; os velhos têm de ir para a Brigadeiro Luís Antônio e voltar para o Vale do Anhangabaú para pegarem um ônibus. Eu estou falando de um Bixiga que necessita que se adense também, com muito cuidado, a nossa juventude. Eu estou falando de um Bixiga que se o senhor, o dono dessa construtora, que quer escavar três pavimentos para baixo para fazer estacionamento, o mal que ele vai fazer, porque o rio cobra. Quem quiser conhecer por onde andam os rios do Bixiga vá à Avenida Nove de Julho. Inclusive, eu posso levá-los a alguns prédios em que o rio está assim. Eu mesma ocupei um, que hoje é o Residencial Cambridge, e que quando eu cheguei, ele já era uma bomba para a população de São Paulo, porque tinha eletricidade, fios desencapados que a Enel nunca desligou, e a água subindo. Então, nós temos de compreender que somos seres vivos e que esta Câmara tem o direito e a obrigação de antes de projetar qualquer problema com o imobiliário, tem antes de projetar a vida. Porque estamos brigando pela vida. Estamos clamando por vida.

Eu sou mãe, avó, brevemente serei bisavó, e eu quero deixar um Bixiga para os meus netos e bisnetos e para todas e todos que são “bixigentos” e que são simpatizantes do Bixiga.

Não quero me estender. Estou falando como mãe. Estou falando como moradora, porque todas as falas técnicas aqui já foram ditas, inclusive com soluções. Isso porque onde temos problemas, temos de apresentar soluções. E como munícipe eu apresento a solução de viver, e o Parque Bixiga é para a vida. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Parabéns, Carmen Silva. A sua voz é muito importante e agradecemos muito o seu engajamento, inclusive como moradora de toda esta região, que tem uma percepção tão especial sobre o direito de moradia e o direito a outras coisas boas, como a boa educação, um parque em que as pessoas de todas as idades possam aproveitar da melhor forma possível.

Passemos a palavra, agora, ao Casé Angatu Xukuru Tupinambá.

**O SR. CASÉ ANGATU XUKURU TUPINAMBÁ** – Saudação proferida em linguagem indígena.

É um prazer estar do lado do grande Zé Celso. Viva, Zé Celso!

Viva o grande Suplicy!

Viva o Nabil! Eu sou da Bahia, mas acompanho a sua atuação e é uma fonte de inspiração para todos nós.

Agradeço a presença da Secretária.

O pessoal do Teatro Bixiga, eu considero esse povo como meus parentes: Carmen, Cafira, Marília. (Palmas)

Eu me sinto mal, péssimo, horrível, a minha alma dói quando eu vejo esses quadros. Isso é uma ofensa, uma ofensa aos povos originários. Isso dói em nossa alma quando coloca o nome de cidade de Vitória da Conquista. É vitória da conquista de quem? Contra o meu povo. Vitória do Espírito Santo. Que se dana Espírito Santo. É Vitória do Espírito Santo deles. Manter esses quadros aqui é uma ofensa aos povos indígenas deste país. E que se retire rapidamente. (Palmas)

São quadros de devoção aos dominadores, aos estupradores, ao patriarcalismo branco que compõem essa elite paulistana nojosa, quatrocentona, composta de gente que



estuprou e violentou os povos originários.

Eu começo assim e te garanto que ao sair daqui vou tomar banho de sal grosso.

(Palmas)

O Parque Bixiga, Nabil e Zé Celso, nós, os povos originários, lutamos pela demarcação territorial. Além de o Parque Bixiga ser demarcado, ele tem de ser tombado. Tem de ser demarcado como território de almas e de gente viva. Lá foi rota de fuga de índios e negros que fugiam da escravidão e da perversidade das elites paulistanas. Lá tinha quilombo. Lá tinha saracura. Lá tinha a resistência. Não era só rota de fuga, era rota de estadia. Então, lá é lugar de almas inquietas, como é o Anhangabaú, como é a Várzea do Carmo.

Portanto, Poder Público paulistano, respeito o Parque do Bixiga, a Várzea do Carmo, o Vale do Anhangabaú e onde estão as camadas populares. A cidade de São Paulo é do povo. Vocês nunca vão tirar os moradores de rua. Vocês nunca vão tirar aquelas pessoas que vivem de vender na rua, porque a rua é do povo, assim como o céu é do avião, como já dizia Caetano. Lá, é território negro, é território indígena, e quando chegam os nordestinos, nas décadas de 40 e 50, é para lá que eles vão morar. Eu sou baiano, sou também alagoano. Os meus pais são das Alagoas. Sabe onde os nordestinos vão morar? Vão morar nas periferias e, como alguém disse aqui, na quebrada Central de São Paulo, que é o Bixiga. E quem é nordestino? É índio, é indígena. Então, lá também é território indígena. Não cabe só o tombamento. Cabe demarcação territorial. Demarcação como território de cultura popular. (Palmas) De cultura de almas ancestrais, de almas presentes, de almas vivas. (Palmas) É isso que tem de se ter.

E, para finalizar, eu vou cantar.

- Orador canta. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito obrigado, Casé Angatu, por sua fala tão expressiva sobre o direito dos povos indígenas e a sua canção. Eu gostaria de ter, depois, a tradução dessa canção para conhecê-la bem.

**O SR. CASÉ ANGATU XUKURU TUPINAMBÁ** – Eu traduzo agora.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Pode falar a tradução, então.

**O SR. CASÉ ANGATU XUCURU TUPINAMBÁ** – “Vamos todos nessa marcha pra lembrar o que passou/Nosso antepassado que seu sangue derramou/Ou devolvam nossas terras que essas terras nos pertencem/Pois mataram e violentaram os nossos pobres parentes”. Auê.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Auê.

- Palmas.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito bem. Muito obrigado. Agora, Márcio Telles, do Projeto Odara. (Pausa)

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – O Marcos Santos, da Nenê de Vila Matilde, também? (Pausa) Beth Beli, Ilú Obá De Min. (Pausa) Covereadora Dafne Sena, da Bancada Feminista do PSOL, gostaria de se expressar? (Pausa) Samara Sosthenes, Quilombo Periférico, quer se expressar? (Pausa) Vereador Antonio Donato, quer se expressar? (Pausa)

Por favor, onde está a lista dos que se inscreveram? Alessandra Gonçalves, que se inscreveu *on-line*, está presente? Saiu. Fábio Lúcio Sanches, do Fórum Verde Permanente, por favor, tem a palavra. Em seguida, Marco Ribeiro, do Bixiga sem Medo.

**O SR. FÁBIO LÚCIO SANCHES** – Bom dia a todos, todas, todes, meu nome é Fábio Sanches, represento o Fórum Verde Permanente, um coletivo de conselheiros de parques, de conselhos de meio ambiente das subprefeituras e de movimentos que defendem os parques, praças e áreas verdes da cidade de São Paulo. É um prazer estar aqui, viemos da total solidariedade e oferecer o nosso empenho nessa luta pelo Parque do Rio Bixiga.

Queremos dizer que São Paulo é uma Cidade com um orçamento, neste ano de 2022, de 80 bilhões de reais. Esse é um orçamento, senão o maior da América Latina, com certeza maior do que o de outras cidades. Na América Latina há parques belíssimos, na Colômbia, no México, em outros locais onde há parques muito melhores que os de São Paulo. Somos portadores da esperança do povo paulista de mais qualidade de vida e temos o dever de indicar aos políticos, a mais políticos da cidade de São Paulo, o que fazer com os recursos que

arrecadam dos nossos impostos.

O Prefeito Ricardo Nunes começou a cumprir, e está de parabéns por isso, uma promessa feita pelo então candidato Bruno Covas. O Prefeito e candidato à reeleição Bruno Covas, quando assinou a Carta Compromisso do Fórum Verde Permanente se comprometendo a destinar 1% do orçamento, desses 80 bilhões, para a Secretaria do Verde e Meio Ambiente. Notem bem, 80 bilhões, em 2022, e começamos o ano com 27 bilhões em caixa para investir. Senhores, São Paulo tem dinheiro para investir em qualidade de vida. Não falta.

E nós somos portadores da esperança de que mais políticos se convençam de que a vida que anda sobre os parques, as áreas verdes e as praças não é só aquela que passeia sobre elas, não é só aquela que anda com os cachorros, que passeia, é árvore que sobe, que cresce para cima e para baixo, é esquilo, é gambá, milhares de espécies de pássaros que estão nessas áreas. E não é só isso, há inúmeras pesquisas científicas indicando: área verde é vida, é uma veia mais limpa onde circula o sangue. Parque é vislumbrar uma vida diferente daquela que se vê nos prédios. É uma vida diferente, quem for hoje na Rua dos Pinheiros, na Augusta, na Rebouças, verá um paredão onde foram vilinhas, sombra cobrindo plantas, cobrindo outros prédios, cobrindo vida.

Que nós, portadores da esperança de qualidade de vida do povo paulistano consigamos convencer os políticos de que é necessário pensar São Paulo grande, pensar o futuro, termos responsabilidade transgeracional para doar aos nossos filhos e netos um mundo melhor, uma São Paulo melhor, com mais qualidade de vida.

Então, queremos empenhar aqui o nosso esforço, a nossa solidariedade a esse movimento e dizer que esse esforço, esse empenho nunca, nunca, nunca é em vão, porque estamos convencendo, estamos conquistando. A Secretaria do Verde e Meio Ambiente, agora, com o compromisso que começa a ser cumprido pelo Prefeito Ricardo Nunes, aumentou de 0,37% para 0,55% o orçamento da Secretaria do Verde e Meio Ambiente. Ainda é pouco, a Secretária Adjunta, que está presente, pode confirmar esses dados, são 440 milhões no orçamento da Secretaria do Verde e Meio Ambiente este ano, quase o dobro do que foi no ano

passado. Vamos mostrar a eles, e agradecemos a atenção que nos dão, o que fazer com esse dinheiro. O que fazer com esse dinheiro é investir na vida. Apoio total ao movimento.

Aproveito para convidá-los, sexta-feira, 18h, Av. Paulista, jacarés, cobras, serão muito bem-vindos. E no dia 07, nesta Câmara Municipal, audiência pública sobre parques municipais da cidade de São Paulo. Estão convidados, Movimento pelo Parque do Rio Bixiga. Parabéns a todos.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito obrigado, Fábio Sanches, por este testemunho de quem muito tem estudado as qualidades do verde, das árvores e dos parques para melhoria da qualidade de nossa vida.

Agora, Marco Ribeiro, do Bixiga sem Medo, por favor.

**O SR. MARCO RIBEIRO** – Cafira, te prometo que não vou ser nervoso hoje. A Cafira fala que eu sempre falo muito nervoso, hoje vou falar tranquilamente. Andrea, estivemos juntos numa reunião sobre o Carnaval e você prometeu que não haveria repressão e que o Prefeito deixaria os blocos saírem. Foi cumprido.

Agora, você fez uma outra promessa e nós vamos cobrar e está gravado.

**A SRA. ANDREA SOUSA** – Vou virar a Santa Antonia do Ceará da Promessa, mas como o Prefeito Ricardo Nunes de fato tem as suas atitudes para o bem da Cidade, o que será que ele vai pedir pela promessa. É para o bem de todos e a felicidade geral do Parque do Bixiga e da Cidade.

**O SR. MARCO RIBEIRO** – É que você leve essa proposta da criação do Parque do Bixiga com o ânimo que você teve em falar que sairia o Carnaval, com o mesmo empenho que você falou que sairia o Carnaval fora de época. Se você cumprir essa promessa, metade do caminho já está bem-feito.

Então, vamos lá agora ao que eu iria falar. A luta do Parque do Bixiga é uma luta ambiental do Bixiga, que pertence a uma luta maior, a preservação das nascentes do Rio Itororó, do Rio Bixiga e do Rio Saracura. Além disso, existe uma luta dentro do Bixiga pela renaturalização desses rios, criar uma APA, Área de Proteção Ambiental, porque em pouco

tempo vai faltar água.

Então, vamos ter que ter, e temos três rios, temos de preservá-los. E como a Marília disse, esses rios brotam, quem quiser ver a força do rio vá num dia de chuva na Praça 14 Bis, você vai ver a força que tem. E agora cimentaram o Vale do Anhangabaú, o que acontece? A água volta, porque antes ia para lá, e antes tinha uma absorção e agora não tem mais. Agora o rio está represado.

Agora, essa luta é uma luta das pessoas do Bixiga, do povo do Bixiga. Um povo que não tem onde levar seu filho para brincar. Onde você leva um filho de três, quatro anos no Bixiga para brincar? Não tem. Há pouco tempo não tinha nem para jovem, criaram a Arena Bela Vista, que foi uma iniciativa do povo do Bixiga, mas não foi uma iniciativa pública, precisamos de um lugar público onde as pessoas possam ir levar seus filhos e seus adolescentes.

Então, o Parque do Bixiga não é só uma luta, Zé Celso e Silvio Santos, Zé Celso mais povo do Bixiga, mais povo da cidade de São Paulo e mais índios e mais todo mundo que luta para o meio ambiente, para um lugar de lazer e de cultura, que é o Parque que estamos pensando. O Parque que estamos pensando vai ter de contemplar, e aí vamos dialogar, que vai ter que ter espaço para criança, vai ter que ter espaço para animais, vai ter que ter espaço para adolescentes e vai ter que ter o rio naturalizado e vai ter que ter um teatro de arena, que eu já vi o projeto, aos fundos do Oficina.

E, por último, acho que temos de continuar essa luta. Fiquei muito animado de ver que o Oficina fez um cortejo até aqui, porque o Bixiga faz cortejo para tudo. Eu sou do Bloco do Fuá e fazemos vários cortejos. Já fizemos uma vez um cortejo das nascentes dos rios até o Parque do Bixiga. E agora podemos retomar isso com mais força. Vamos juntos fazer, pegar todos os blocos de Carnaval que temos no Bixiga, não são poucos, são uns 10, mais Vai-Vai, mais Teatro Oficina e fazer um grande cortejo, mas um grande cortejo mesmo. Podemos até fazer de novo o abraço que já fizemos uma vez.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. MARCO RIBEIRO** – Não sei. Eu queria falar isso, essa luta para dar

visibilidade maior, fazemos um cortejão, acho que na chegada da primavera talvez, para o Valter não ficar tão ansioso. Mas temos que retomar essa ida para as ruas. Esses dois anos de pandemia nos deixaram meio acuados, porque fizemos o cortejo e depois paramos. Então, precisávamos retomar isso.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. MARCO RIBEIRO** – Estamos retomando. Vamos fazer um cortejão. Beijos.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Estão inscritos para falar André Luz, Estevão Sabatier e Valter Machado, serão chamados, mas como a Secretária Andrea Sousa precisará se ausentar por um compromisso, e eu considero muito importante que ela possa antes ouvir o Zé Celso Martinez Corrêa, nosso querido diretor, um grande dramaturgo, responsável pelo Teatro Oficina, então, agora vamos passar a palavra ao José Celso Martinez Corrêa, por favor.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – É muito emocionante estar aqui presente nessa assembleia com todo esse público, inclusive, trazendo uma outra visão, uma visão muito mais próxima do que deseja o próprio Teatro Oficina e seu entorno.

Esse projeto, inclusive, antigamente nós tínhamos ideia de construir um teatro de estádio, uma universidade antropófaga, e qual a outra coisa que nós tínhamos ideia, Camila?

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – Oficina de floresta..., enfim, mas por frequentar o terreno, começamos a frequentar o terreno, porque houve um momento até que o Silvio Santos nos concedeu uma espécie de comodato. Então, nós ficamos livres nesse sentido de poder usufruir do terreno e fomos nos apaixonando pelo terreno, porque o terreno, inclusive, tem uma vegetação maravilhosa, uma vegetação incrível, que você, inclusive, tem uma subida, é um terreno que começa na Rua Santo Amaro e vai até, num certo sentido, até a Rua Major Diogo.

Quer dizer, é o mesmo terreno, o do TBC, da Casa da Dona Yayá. E fomos descobrindo nessa luta, que tem mais de 40 anos, a necessidade de não construir nada, de fazer

realmente um Parque. Aproveitar, como Lina Bo Bardi tinha feito, a topografia do terreno, ela deixou um projeto só com a topografia do terreno, mais nada. E a gente retoma esse projeto com a topografia do terreno que é muito bonita, ela é montanhosa, ela vem numa rampa, desce e depois sobre novamente, é um vale. E é um vale fértil, dá tudo, em se plantando dá, tem jaca. Fomos percebendo essas coisas e mudou radicalmente a nossa visão, o fato de viver naquele terreno, respirando aquele terreno quando podíamos respirar, quando houve um acordo, um comodato com o Silvio Santos.

Depois ficou mais difícil porque ele se fechou, mas assim mesmo, hoje, praticamente, eu não sei o que está acontecendo, o terreno da parte do Silvio Santos está completamente abandonado. Inclusive, o próprio Teatro Oficina, ali na base, plantou uma árvore e essa árvore cresceu tanto que derrubou os muros, porque realmente ela fez um painel de vidro, essa obra da base é uma espécie de canto do cisne, que começou com a Casa de Vidro. A Casa de Vidro Morumbi, que eu em criança via nas revistas e me apaixonei por aquela casa feita no morro voltada para os quatro cantos e uma árvore no meio. E ela plantou uma árvore que é belíssima, que hoje está no seu esplendor absoluto. Quem foi assistir o *Esperando Godot*, vai ver essa árvore aparecer no segundo ato com todo o seu brilho. E talvez seja a coisa mais importante desse terreno, essa grande árvore, essa bela árvore.

Há outras plantas também ali, dentro do próprio Teatro, mas agora, com vocês que estão ocupando exatamente com a Universidade Antropófaga, e com uma visão revolucionária de mundo, uma visão que parte exatamente da ocupação. As coisas... por exemplo, faz 40 anos que eu batalho por isso. Eu batalho sozinho? Não. Eu batalho com muita gente, muita gente veio comigo em várias gerações, mas atualmente talvez seja o momento mais forte, porque essa conquista foi crescendo.

E hoje, praticamente, eu vejo nessa reunião que está muito próximo de acontecer. Está muito próximo porque existe uma concepção, inclusive, muito inspirada na cultura africana. Este ano, a cultura africana foi vencedora, ela ocupou totalmente o Sambódromo do Rio e o Sambódromo de São Paulo, desavergonhadamente, para a sua religião, para a religião de Exu.

Inclusive, para provar que Exu não é um demônio, não é do mal, mas simplesmente é um intermediário, um mensageiro.

Eu tenho um título de que eu mais me orgulho, dado pela Mãe Estela, que assistiu de pé *Todos os Sertões*, com 80 anos, porque estava lotado o teatro; e ela me convidou para um congresso internacional do candomblé e me deu o título de “Exu, Senhor das Artes Cênicas”. É o título de que eu mais me orgulho. Eu vejo, inclusive, que aqui e agora a gente sente a importância dessa religião.

Nós acabamos de encerrar uma peça, na qual eu dei uma mexida, que era uma peça que sempre terminava *Esperando Godot*, mas um ator maravilhoso, Tony Reis, faz o Zé Pilintra e informa no final da peça que Godot morreu. Quer dizer, até a palavra esperança é uma palavra ligada a espera, que não se deve esperar nunca, tem que agir aqui e agora, nesse momento, em que o País, embora seja quase certo que o Lula ganhe as eleições, tem ameaça de golpes, tem um golpismo rondando.

Então, é preciso ter uma luta muito forte de todos nós para impedir esse golpe. Não pode haver de novo, porque o Golpe de 64, que eu vivi, em que fui exilado, fui torturado, tinha o apoio da burguesia, tinha uma série de coisas. E esse golpe só tem apoio de uma parte do Exército e praticamente dos eleitores do Bozo, que estão armados; ainda a gente vai ter que viver essa ameaça de luta armada pela Extrema Direita, pela conquista do poder. Ele tem pedido para que as pessoas se manifestem com armas, então a gente vive um ano extremamente perigoso.

Mas a gente tem uma capacidade de luta enorme, e a luta por esse teatro vem de muitos anos. Esse teatro tem 68 anos, um teatro com uma companhia de pessoas, de várias gerações. Atualmente esse teatro é ocupado por vocês, que estão aqui presentes; sobretudo por uma geração que está nessa universidade antropófaga e que tem uma visão muito forte do que é esse terreno e do que é este projeto brilhantemente defendido pela arquiteta que faz parte do conjunto de arquitetos que criou o nosso desejo, arquitetadamente; construiu este projeto comum rio a quatro metros do chão, que provoca uma revolução, ele vindo à tona; e um rio de água



potável. É impressionante.

Esse rio é cercado por toda uma topografia do próprio terreno, com montanhas, e vai ao encontro exatamente com a área do TBC, que vai ser comprado pelo SESC e que vai ser aberto para isso. Ele faz um vale cultural em São Paulo, que começa naquele castelinho que está vazio há séculos ali na Av. Brigadeiro.

Então, a paisagem viva habitada por pessoas que lutam, que nesse momento estão aqui, também os atores e atrizes que trabalham no Oficina, esse povo todo representado que veio aqui, o povo negro, o povo índio, que tem essa visão do espaço, do aqui e agora. Ao mesmo tempo que ela faz isso lá no espaço do Oficina, aqui ela vê esse esquadro que tem que ser tirado, como foram tirados no Oficina os banheiros de homem e mulher; tiraram as placas.

Quer dizer, a gente está numa revolução cultural muito grande. Essa é a hora de fazer essa revolução ecológica, pois o mundo está demonstrando o que está acontecendo: como aconteceu no Recife, essas chuvas todas. O mundo realmente está acabando, se não houver exatamente uma reação enorme do povo brasileiro, do povo internacional.

Não é mais um problema nacional, é do mundo todo, porque está acontecendo no mundo, mas, sobretudo, aqui no Brasil, e só não vê quem não quer: o gelo do Polo Norte se derrete e, por exemplo, a ponte Rio-Niterói foi coberta pelas águas. Então, tem que ter uma mudança radical.

A geração do meu avô, por exemplo, cimentava tudo. Eu me lembro que já no Oficina a gente começou a quebrar o cimento de tudo e os rios foram enterrados, sepultados, assim como esse rio Bixiga. Quando eu voltei do exílio, a gente começou a quebrar tudo e começou a dar passagem para esse teatro que é ali na vargem, que o Edson Elito concebeu.

E a Lina plantou uma árvore com as próprias mãos, fazendo uma espécie de referência à primeira obra dela: *O Canto dos Cisnes*, de Lina Bo Bardi. A última obra dela é o Teatro Oficina e ela, então, plantou essa árvore imensa, que o Silvio Duarte é o protagonista Godot. E depois que o Godot morre, na peça, num terreiro, quando ele pega o Exu e ele é engolido, morre, ele volta outra entidade.

A cultura negra está muito forte; e a cultura indígena, muito forte, apesar de estar totalmente massacrada, com a mineração, os ianomâmis estão sofrendo muito. Então, do ponto de vista ecológico, este projeto é da hora, é urgente. São Paulo precisa de muitos projetos desses parques, para entrar o ar, para libertar esse mundo, que parece que vai acabar tudo e só ficar o vazio do MASP.

Realmente é muito prédio, muita poluição, muita morte. A especulação imobiliária é uma indústria de funeral, ela mata a Cidade. Então, a réplica desse parque, a existência desse parque é importante. O Oficina tem 63 anos de luta porque realmente é muito difícil fazer teatro. Mas nós fomos vitoriosos, muitas vezes, e agora nós estamos com vocês recebendo esse apoio todo e é o momento de dar essa virada, em nome do meio ambiente, do perigo do mundo acabar, para que a vida continue e que se consiga a permanência do mundo, com a construção daquele parque, que para mim se chama Teatro Parque do Rio Bixiga, onde será possível apresentar grandes espetáculos na época de inverno, quando não chove, montar grandes peças, enfim.

A gente tem um repertório todo para fazer teatro também nesse parque, porque ele é inspirado por pessoas que trabalham no teatro, como a Marília, que é arquiteta cênica das peças, praticamente herdeira da Lina Bo Bardi, porque a Lina criou esse conceito de arquitetura cênica e a Marília tem essa percepção muito avançada e ela que aglutinou um coro de arquitetos para fazer esse projeto do parque, Teatro Parque Oficina, com rio.

Não será um parque que não tenha cultura, será um parque com a cultura explícita. E o teatro é explícito, o teatro criou isso. O teatro é uma cultura milenar que a humanidade nunca deixou de viver, a não ser agora na pandemia, nesses dois anos. E saindo da pandemia, o teatro reabriu, está lotado, da universidade antropofágica, que a maioria de vocês veio de lá, como eu gosto de chamar a obra “Desesperando Godot”.

Essa ocupação atualmente leva a urgência de o Teatro Oficina existir como parque, porque é uma contribuição para a humanidade, que está ameaçada de ser tragada senão cuidarmos do meio ambiente, basta ver o que está acontecendo em Recife, na Bahia, em São Paulo, quando tem enchente e tal. São sinais inequívocos de que o mundo está precisando da

natureza.

Inclusive o próprio Silvio Santos, que fazia as caravanas do Baú da Felicidade lá não faz mais, parece que ele está desistindo. O que vocês que frequentam o local lá podem dizer? Estão jogando muito lixo lá? Esse alerta é importante, então. SBT não está no seu melhor momento, está na hora de um levante. A igreja do Bispo deve estar melhor? Oswald de Andrade tinha um conceito maravilhoso: “Todas as religiões, nenhuma igreja. Sobretudo, muita feitiçaria”. Não tem igreja.

O terreiro é uma coisa que se pratica, é como o teatro. O teatro que faz o Oficina é um teatro de terreiro, a gente trabalha com as entidades, temos uma grande influência do candomblé, porque o candomblé é um teatro muito rico; o candomblé, a umbanda, inspiram muito. E nossas peças, de certa maneira, acompanham esse movimento natural do mundo. A tendência é essa.

Eu gosto da vida, gosto de gente e gosto de teatro. Vou morrer fazendo teatro.

(Palmas)

**O SR. JAIR TATTO** – Viva o José Celso Martinez Correa! (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Secretária Andrea Sousa, nós agradecemos muito por ter podido ouvir o Zé Celso nesse pronunciamento tão importante para a história do teatro brasileiro, da cultura.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – Só uma coisa: quando nós começamos a lutar pelo terreno, eu conheci um cara chamado Dolírio Barnabé, que me mostrou os títulos imobiliários de uma escrava liberta, que tomou o Bixiga. O feitor se apaixonou por ela e deu o terreno do Bixiga até a Av. Paulista a ela. Aí chegou o Império Romano e colocou a população negra toda nos...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – Onde?

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – Não, subsolo nada, tem um nome...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – Não, que looping, nada. É um nome bem...

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – Cabeça de porco, exatamente. Quer dizer, botou em porão... botou para baixo.

Eu, desde criança, vivo no Bixiga, porque os meus avós moravam em frente ao Teatro Oficina. Eu passava todas as minhas férias lá. Então, eu sou o Bixiga.

Só queria fazer uma observação: Dolírio Barnabé me mostrou os títulos, que depois foram roubados, quando chegaram os imigrantes romanos.

**A SRA. ANDREA SOUSA** – Cabe uma investigação urgente. Que história é essa? Vamos atrás dela.

E por falar em história, que se inscreva, que se escreva nos anais da história da Casa de Leis da terceira cidade da América Latina, esta audiência, que, para além da importância e da urgência da criação do Parque do Bixiga, hoje, com essa representatividade dos nossos três troncos de ancestralidade, aqui nesta “douta”... E eu coloco aspas porque é um nome muito erudito. Mas aqui, então, nesta importância mesa, nós temos a África, metade minha é Sudão, um dos troncos da nossa ancestralidade; o outro tronco é indígena.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – Minha avó era indígena. É indígena.

**A SRA. ANDREA SOUSA** – Vamos botar esse negócio junto? Porque 50%, eu, tapuia do Piauí, e a outra parte do nosso tronco, da nossa ancestralidade, é a Europa. Portanto, nada mais completo, nada mais emblemático e nada mais inclusivo de miscigenação, de imigração e de migração. Esta mesa é histórica.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito bem.

**O SR. JOSÉ CELSO MARTINEZ CORRÊA** – Esta mesa é esse público.

**A SRA. ANDREA SOUSA** – Agora é lá. O primeiro *round* é aqui, o segundo é lá. E essa representatividade aqui: os promotores da arte, da leveza, da cultura, da formação, da

consciência, da discussão, da reflexão, da criação.

Homem, seu menino, meu precioso Vereador, Senador preferido, enfim, nesse instante, o que a gente corrobora, e agora, como Secretária-Adjunta de Cultura, digo para você, repito para vocês: a seriedade do benefício do bem-estar das pessoas que movem todas as atitudes do Prefeito Ricardo Nunes, que é, sim, da escuta, que é, sim, do entendimento. E eu digo para vocês que ele já está mergulhado na história do Parque Bixiga, certamente já está convocando todos os secretários e secretarias afins – porque, como bem disse esse indefectível monumento, Zé Celso Martinez, ele falou do esplendor, ele falou do brilho.

Quando você disse, e nós nos deslumbrávamos com a sua palavra, e eu olhava os olhinhos aqui, os *paparazzis* aqui, “Rapaz, você é um promovedor de catarse”. Os olhinhos ficavam assim. E quando você disse que o terreno é um vale, assim, lá no Nordeste, quem é nordestino, aqui, ou filho de ou neto de?

- Manifestação do público.

**A SRA. ANDREA SOUSA** – Que representação bonita. Lá no Nordeste, meu precioso Vereador, precisamos todos aqui, tem algo que chamamos de botija. O que é botija, senão uma espécie de uma ânfora de barro, onde se colocam moedas, tesouros e o enterra, para preservar o tesouro? O Parque do Bixiga é essa botija. Nós vamos trazê-la, porque ela é um tesouro, para o bem-estar. Até, como sempre bem disse Aristóteles, a arte é bela, a cultura é boa; e o parque é cultural, parque artístico, de lazer, de promoção.

Então, como disse aquele precioso que quer que eu vire a Santo Antônio das Promessas, repito: toda a responsabilidade, todo o denodo – fazia tempo que eu não usava essa palavra –, todo o esforço do Prefeito Ricardo Nunes e de todas as secretarias afins estarão empenhados nisso, e com entusiasmo para isso.

E obrigada, meu querido Nabil Bonduki, que já foi nosso secretário também, por todas as promoções e proposições.

Obrigada ao precioso Vereador Jair Tatto, um promotor, valorizador, impulsionador da cultura. E obrigada aos demais Vereadores que estão *on-line*.

Dizendo isso, eu tenho que correr, porque, se eu não chegar onde eu tenho que chegar daqui a meia hora, rapaz, o bicho vai pegar.

Muito obrigada.

Que deus nos abençoe. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito obrigado, Secretária Andrea Sousa, por essa palavra, inclusive, em nome do Prefeito Ricardo Nunes, que acreditamos agora vai levar adianta essa proposta tão importante do Parque do Rio Bixiga.

Agradecemos à Sra. Secretária Andrea Sousa.

Peço que se aproximem do microfone os últimos vereadores inscritos: André Luz, Estevão Sebastier e Valter Machado, por favor.

**O SR. ANDRÉ LUZ** – Olá. Muito bom dia, boa tarde.

Sou André Luz. Sou do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional.

Nós nos banhamos lá no rio, ele passa aqui e chega a banhar lá o Prefeito, porque ele corre pelo Anhangabaú. Então o Prefeito está sendo banhado por essas águas. E se a Secretária puder também fazer como nós desejamos, uma audiência pública no *nosso parque*, porque o parque está sendo, nós somos parque. Nós aprendemos durante a pandemia com um conjunto de encontros virtuais que fizemos do parque sendo o Parque Bixiga – Contra Pandemias, que nós somos esse conselho curador do parque. Nós somos esse conselho cuidador do parque. E no novo projeto de lei, Suplicy, tem lá um elemento muito importante para nós, que é esse parque como nau. E isso está traduzido hoje no projeto de lei.

Esse conselho que se formou durante todos esses encontros mostra as várias virtudes e vocações deste parque. Uma delas, que incluímos também neste projeto de lei agora, é essa perspectiva agroecológica do parque. Esse parque alimenta. Nós estamos vivendo uma pandemia da fome. Se nós podemos superar a especulação imobiliária, nós vamos conseguir assegurar uma alimentação de qualidade, acesso à água. E também, como é previsto no *Plano Municipal de Mudanças Climáticas*, nós já temos as condições imediatas para se instalar o parque. O projeto de lei, na verdade, é uma regulamentação do parque sendo, do parque em

movimento. Diferente de sermos um movimento do parque, nós somos um parque-movimento, com hífen. E assim nós temos condições muito objetivas já nas tramitações, nas diferentes comissões, e nesse possível comitê técnico com as secretárias e com o Prefeito, já muito rapidamente, com o caráter de urgência que se tem para implementar o parque.

E nós também acrescentamos no projeto de lei uma coisa muito interessante que aprendemos nesses encontros: a força das crianças e a força de romper o patriarcado e o machismo, com um papel muito importante das mulheres na construção desse parque. E tudo isso está previsto no projeto de lei, que mostra essa viragem. Esse parque que é um aprendizado contínuo.

Gostaria também de mostrar, Vereador Suplicy, que no Proaurp, Programa de Agricultura Urbana e Periurbana da cidade, já tem a previsão também de embasar a criação do parque nessa lei já existente.

Por fim, dialogando com o Nabil: no *Plano Diretor Estratégico*, se não estava a expressão clara deste parque, já ali havia uma seção específica da política ambiental sobre os equipamentos públicos da cidade. E esse *parque-sendo* já dialoga com todas essas urgências da cidade prevista no *Plano Diretor Estratégico*.

Temos uma escola na Humaitá, temos uma UBS na Humaitá. As crianças podem usar esse parque. Os programas de saúde integratividade da UBS podem descer para esse parque e fazer ali uma atividade de promoção da saúde, pode fazer uma atividade de fitoterápicos naquele parque.

A Danúzia pode nos conduzir naquele parque, encontrando as plantas alimentícias não convencionais que ali surgem espontaneamente.

Esse parque Fórum Verde é de baixíssima necessidade orçamentária. Se nós nos reunirmos, nos idearmos e fizermos essa comunhão para a construção do parque, ele pode ser efetivado – e já está sendo desde já.

Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Tem a palavra o Sr. Estevão

Sabatier.

**O SR. ESTEVÃO SABATIER SIMÕES FERREIRA** – Olá a todos.

O meu nome é Estevão Sabatier, sou engenheiro arquiteto e coordeno a implantação de equipamentos culturais da Secretaria de Cultura. E é um prazer estar com vocês.

Eu vejo que há uma permeabilidade da palavra *persistência*, de muitos movimentos de persistência em busca de alguns espaços, de algumas coisas do gênero, e, particularmente no meu trabalho, eu tenho visto também muitos desses processos tomando forma.

Estamos com o projeto da Casa de Cultura Cidade Ademar, que é uma demanda popular desde 1991, e que recentemente foi abarcada pela Prefeitura, tornando-se a Meta 54. Pessoalmente, eu vejo o quanto de cobrança, e semanalmente temos dado respostas ao gabinete do Prefeito sobre o andamento desta demanda.

Outra coisa que o Nabil colocou é a Chácara do Jockey.

Estamos também com a ampliação do EMIA, um programa lindo que leva iniciação artística para crianças de 5 a 14 anos. E praticamente, atualmente, só existia no Jabaquara; e estão se expandindo para os quatro cantos da cidade. A unidade da Brasilândia já está aberta. A próxima que deve acontecer é na Chácara do Jockey, que tem alguns trâmites ali com ligação de luz e água novamente. E vemos também uma parceria muito grande com a Secretaria do Verde. Temos trabalhado bastante junto, criando espaços culturais dentro de parques. É outra expansão que está prevista para a EMIA é no Parque Chácara das Flores, no Itaim, que está sendo coordenado pela Secretaria do Verde, deve ser assumido. Também existe o projeto para o Parque do Trote.

Eu vejo com muitos bons olhos essa iniciativa. Eu acho que a Cultura e o Verde estão de mãos dadas nessa questão. E disponibilizo a nossa área técnica para encaminhamento dessas questões. (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Tem a palavra o Sr. Valter Machado.

**O SR. VALTER MACHADO** – Bom dia, boa tarde, boa noite, boa madrugada, não



tenho noção do alcance de quando essa mensagem vai chegar. Eu não estou brincando.

Permitam que eu me apresente. Meu nome é Valter. Só por hoje, permitam-me não falar o meu sobrenome, Vereador. É uma brincadeira com o anonimato, que eu digo que eu estou perdendo. São muitas câmeras, e São Paulo talvez ainda seja a campeã mundial de câmeras de segurança pública.

É isso mesmo? Quem pode confirmar essa informação?

Eu não quero somente questionar os grandes meios de comunicação que ganham concessões do Ministério Público para terem os jornais, canais de televisão etc. E supostamente a mídia veio para se democratizada com a internet.

É isso mesmo? Estamos agora no terceiro milênio. Que brincadeira é essa?

Agora eu não estou brincando.

Só que não podemos crucificar somente os grandes meios de comunicação, pois se tem um governo com três esferas sustentando esse modelo político, calma, paciência, tranquilidade, sem pressa.

Eu vou tentar me concentrar no Parque Rio Bixiga. Eu nem sabia que havia um rio com esse nome, sinceramente. E eu sou paulistano. Porém não é um fenômeno social o aterramento de rios.

Permitam-me ler algo que eu escrevi esta madrugada.

Agora é uma brincadeira que eu estou chamando, uma brincadeira de um xadrez humano.

Uma assessora sua, Vereador, quase me catou pelo braço, que eu falei com o senhor na ponta de entrada de um elevador da Câmara, alguns anos atrás. Podem me chamar de maluco, mas só por hoje. Se alguém me chamar lá fora, eu vou cair para a briga.

Eu pedi o heliponto desativado da Câmara para fazer essa brincadeira em 2019, mas, sinceramente, eu não tinha muita noção do que eu estava fazendo.

Os helipontos ociosos, no mínimo, tem que ter o controle da Força Aérea Brasileira. Alguém é contra essa afirmação minha, que eu não estudei isso para estar falando aqui agora?

E viva o Bolsonaro!

Olha a brincadeira que eu estou fazendo. Não podemos criticá-lo porque ele foi eleito democraticamente, representando o pensamento de quem votou nele. Então calma, paciência, tranquilidade.

Em 2018, quando alguém perguntava para mim: “E aí, Valter, tudo bem?” Eu respondia: “Claro que não. Primeiramente, fora Temer. Não quero temer. Secundamente, diziam os otimistas que o Brasil estava à beira de um colapso social e de uma guerra religiosa”.

Bom dia, 30 de maio de 2022. Bom dia, boa tarde, boa noite e boa madrugada.

Uh!, Estou me concentrando olhando para esses dois quadros ali na frente agora. E isso me faz me lembrar de uma rede de comunicação. Bandeiras, bandeirolas, bandeirantes.

Os bandeirantes são os nossos heróis paulistas. Quem foram eles? Assassinos e guerreiros?

Eu estou vendo a silhueta do Pateo do Collegio provavelmente de 300 anos atrás. É uma probabilidade. Então sem pressa. Eu acredito que aqui, não só nestes microfones como na mesa, como a representante do nosso atual prefeito, Sr. Ricardo Nunes, falou: uma das mesas mais representativas e significativas. Então com calma, paciência e tranquilidade, para que essa revolução de fato não precise ser televisionada, que isso não seja só blá-blá-blá, blé-blé-blé, bli-bli, bló-bló-bló, blu-blu-blu, que seja cidadã.

Eu nem li o que eu queria ler.

Ufa, gratidão pela audição. (Palmas)

- O Sr. Presidente e demais convidados e presentes entoam: “a minha tribo/ quando entra na aldeia/ índio não faz cara feia/não deixa a flecha cair/tupy/tupy/ tupy or not tupy?/Ainda explico essa frase/Tupy or not tupy/tupy/tupy/or not tupy?”

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – Muito obrigado a todos.

Viva o Teatro Oficina!

Viva o Parque do Rio Bixiga!

Viva José Celso Martinez Corrêa e todos os seus artistas e atrizes!

Um abraço a todos. Muito obrigado!

- Personalidades e munícipes presentes vibram.

**O SR. PRESIDENTE (Eduardo Matarazzo Suplicy)** – José Celso, eu quero assinalar que estão presentes os estudantes da Escola de Arte e Cultura da EACH, que também vieram dar força ao Teatro do Rio Bixiga. Parabéns a vocês!

Com a licença do nosso Presidente Jair Tatto, dou por encerrada a presente sessão e audiência.

Muito obrigado a todos.

---